

Atelier Poético

Residencias en movimiento
Residências em movimento

2

OEI

Atelier Poético 2

Residencias en movimiento
Residências em movimento

La recopilación del material fruto de esta publicación proviene de las actividades desarrolladas en el marco de la segunda edición del proyecto Atelier poético. Las opiniones expresadas en este documento son de exclusiva responsabilidad de sus autores. Los editores y patrocinadores de esta obra no han participado en su redacción y su visión no se corresponde necesariamente con la reflejada en las distintas secciones de esta obra.

ISBN-13-978-84-86025-63-2

© de esta edición: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI).

© de los textos: sus autores.

© de las imágenes: sus propietarios.

Editado en mayo de 2025.

Concepción y edición: Neturity.

Maquetación: Banuka Estudio.



índice

Prólogo / Prólogo

Mariano Jabonero

01

Diversidades

Teresa Calçada

pag. 26

Fora de registro

Juliana Maffeis (Brasil)

*Fluxografia. Práticas de poesia experimental
(Oficina com jovens de Espanha)*

pag. 70

A palavra

Comikk MG (México)

*Taller y laboratorio de poesía spoken word,
poetry slam y rap (Taller con jóvenes de
Brasil)*

02

La palabra poética

Lauren Mendinueta

pag. 36

Diversa paisagem

Renan Sidney da Silva Costa (Brasil)

*Diversa Paisagem - Conexões Poéticas
Ibero-Americanas (Oficina com jovens de
Espanha)*

pag. 78

Mi piel frontera

Rubén Alfonso González Ángel (Colombia)

*La Línea Invisible (Taller con jóvenes de
Brasil)*

03

¿Qué es Atelier Poético? O que é o Atelier Poético?

pag. 46

Poema cantado da Mãe Douro

Weber Carvalho (Brasil)

*Oficina de Dramaturgia Rural (Oficina com
jovens de Mexico)*

05

Galería / Galeria

06

Poetas en residencia / Poetas em residência

07

Colaboraciones / Colaborações

04

Poemas en residencia / Poemas em residência

pag. 60

Poema que se desgarrá en el cuerpo de una mujer

Stefhany Rojas Wagner (Colombia)

*Mirar mi mundo, interpretar lo otro (Taller con
jóvenes de Portugal)*

« La poesía es el diálogo del hombre, un hombre, con su tiempo ».
(Antonio Machado)

« A poesia é o diálogo de um homem, um homem, com seu tempo ».
(Antonio Machado)

prologo

El proyecto Atelier Poético es, sobre todo, un espacio de encuentro. Tras el éxito de la primera edición, que desafió los retos del Covid-19 con talleres virtuales, impulsamos una segunda edición emocionante y diferente en su formato presencial. Esta iniciativa favorece la intercomprensión entre la lengua portuguesa y la lengua española, lenguas oficiales de la OEI, mientras los hablantes crean juntos en el lenguaje universal de la poesía. El tema de esta edición, “la diversidad”, refleja el compromiso de la OEI por promover la búsqueda, el reconocimiento y la celebración del otro en el encuentro entre lenguas, culturas y vivencias.

En un tiempo repleto de creadores y a su vez sediento de iniciativas que pongan en valor la creación, Atelier Poético va un paso más allá. El proyecto no solo potencia la creatividad, sino que apuesta por la co-creación entre artistas, que amplían sus redes a través de la palabra. Con el lanzamiento de la convocatoria el 5 de mayo de 2024, día de la lengua portuguesa, recibimos más de 128 propuestas de artistas de Europa, África (participantes de la Comunidad de Países de Lengua Portuguesa - CPLP) y América Latina, reflejo del interés existente entre los jóvenes por la cultura, y en concreto, por la poesía.

Es inevitable reconocer la grandeza literaria de este género, quizás el más emotivo y espiritual, y la riquísima tradición poética que existe en portugués y español: uno de los más importantes acervos culturales

de nuestras lenguas y naciones. Si bien la Inteligencia Artificial se está abriendo paso en la creación —todavía con muchas preguntas por responder—, esta publicación de Atelier Poético pone en valor el camino hasta la obra, donde el objetivo no es únicamente la creación poética final, sino las imágenes que nacen en el proceso.

El viaje que los poetas realizaron a distintos puntos de Iberoamérica fue solo el detonante de una experiencia común que atravesó a alumnos, profesores, artistas, gestores culturales e instituciones por medio de la poesía escrita, oral y visual. Cuando diferentes orígenes, culturas y lenguas se ponen en relación, o lo que es lo mismo, cuando una experiencia humana se halla frente a otra, nace algo nuevo e inimitable.

Desde la cooperación, la OEI continúa abogando por la diversidad cultural, garante de una sociedad libre y dialogante. Es por ello que Atelier poético es una iniciativa especial para nuestra institución, un proyecto de residencias artísticas que multiplica sus efectos con cada encuentro.

Deseamos que el espíritu de Atelier Poético perdure en el tiempo con esta publicación, que es una nueva puesta en diálogo de cada experiencia con el lector.

Mariano Jabonero

Secretario General de la OEI

O projeto *Atelier Poético* é, acima de tudo, um espaço de encontro. Após o sucesso da primeira edição, que enfrentou os desafios da Covid-19 com oficinas virtuais, lançamos uma segunda edição emocionante e diferente em seu formato presencial. Essa iniciativa favorece a intercompreensão entre as línguas portuguesa e espanhola, línguas oficiais da OEI, enquanto os participantes criam juntos na linguagem universal da poesia. O tema desta edição, “diversidade”, reflete o compromisso da OEI em promover a busca, o reconhecimento e a celebração do outro no encontro entre línguas, culturas e experiências.

Em um tempo repleto de criadores e, ao mesmo tempo, sedento por iniciativas que valorizem a criação, o *Atelier Poético* vai um passo além. O projeto não apenas promove a criatividade, mas aposta na cocriação entre artistas, que ampliam suas redes por meio das palavras. Com o lançamento da convocatória em 5 de maio de 2024, Dia da Língua Portuguesa, recebemos mais de 128 propostas de artistas da Europa, África (participantes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP) e América Latina, refletindo o interesse crescente entre os jovens pela cultura e, em especial, pela poesia.

É inevitável reconhecer a grandeza literária desse gênero – talvez o mais emotivo e espiritual de todos – e a riquíssima tradição poética existentes nas línguas

portuguesa e espanhola; um dos mais importantes patrimônios culturais de nossas línguas e nações. Embora a Inteligência Artificial esteja abrindo caminho para a criação – ainda com muitas perguntas a serem respondidas – esta publicação do *Atelier Poético* valoriza o percurso até a obra, onde o objetivo não é apenas o produto final, mas também as imagens que nascem ao longo do processo.

A viagem realizada pelos poetas a diferentes pontos da Ibero-América foi apenas o ponto de partida de uma experiência coletiva que envolveu estudantes, professores, artistas, gestores culturais e instituições por meio da poesia escrita, oral e visual. Quando diferentes origens, culturas e línguas se encontram – ou seja, quando uma experiência humana se depara com – algo novo e inimitável nasce..

Por meio da cooperação, a OEI continua defendendo a diversidade cultural como base de uma sociedade livre e aberta ao diálogo. Por isso, o *Atelier Poético* é uma iniciativa especial para nossa instituição: um projeto de residências artísticas que amplia seu impacto a cada novo encontro.

Desejamos que o espírito do *Atelier Poético* perdure no tempo com esta publicação que representa um novo convite ao diálogo entre cada experiência vivida e o leitor.

Mariano Jabonero

Secretário-Geral da OEI

Diversidades

Diversidades

“ É fraqueza entre ovelhas ser leão “
Luís de Camões,
Os Lusíadas

Nascida e criada num tempo e num lugar onde a diversidade era escondida, vislumbrei-a na opacidade do pequeno mundo sombrio e triste que era a minha terra, o meu país de então. Por curiosidade, intuição, convívio ou outra qualquer circunstância, percebi cedo que a vida não podia, não devia, ser tão fechada e cinzenta como me queriam fazer crer!

Encobrimentos, mentiras e omissões, falsas perceções visíveis no que me rodeava, mas também, pessoas lúcidas e combatentes, amizades, livros e leituras, teimosias e discussões, transgressões, trouxeram-me, nas entre linhas do ser, o caminho e a descoberta de que tudo é diferente e mutante, nada é unidimensional.

Também a escola, paradoxalmente, me levou à busca e à descoberta, seja pela imposição do comum, do dado como adquirido e certo, me fez ver que aprender é o melhor ambiente para desenvolver a dúvida, a interrogarção, o sentido crítico. Igualmente, a convivência com espíritos livre-pensadores, que ousavam a dissonância e valoravam a dúvida crítica, me

possibilitou ir ouvindo a voz do pensamento diverso, que eu desde logo quis ter por mais certo!

Lembro-me que ser rapariga-mulher foi vivido por mim como um tempo muito opressor, violento para o juízo e para a sensibilidade. Foi, creio, o diverso que via em mim que me mostrou, como num espelho, a diversidade do outro. Não fosse a cultura: cinema, arte e literatura, não teria lá chegado. Reconheço que estudar filosofia foi o processo e a via da minha emancipação, ganhar a avidez de conhecer, e não mais abandonar essa busca libertadora. Frequentar sempre as palavras, faladas e escritas, deu-me a possibilidade de encontrar e reconhecer a qualidade do diverso no mundo e nas coisas.

A diversidade foi o sítio da procura e do espanto —“substantivo feminino, caracteriza tudo aquilo que é diverso e que tem multiplicidade”. Vem do latim diversitas, qualidade do que é diverso, tudo o que é plural e não homogêneo. É a diversidade que torna o mundo tão atraente, motivo de valorização, fonte de riqueza e comple-

xidade. É o que dá sentido à identidade, que permite o reconhecimento individual e grupal. Sabemos quem somos ao reconhecer o “outro”, o outro diferente, nos planos e contextos, histórico, religioso, étnico, cultural, socioeconómico. O outro diferente nas literacias, capacidades e deficiências, orientação sexual, género, e tantos mais.

Grupos sociais discriminados historicamente em muitas das sociedades, incluindo as atuais, minorizados pelo poder e pelo preconceito, criando desigualdades que nos envergonham, apontam para a necessidade de políticas públicas que fortaleçam a inclusão e que promovam ambientes em que sejam acolhidas, integradas e pactuadas as diversidades. Criando coesão social, respeito, equidade, valorização justa das diferenças como condição de desenvolvimento.

Uma nota particular para as questões associadas à educação. Num tempo de grande proliferação de ambientes de aprendizagem formais, informais e não formais, é sobre importante perceber a construção do conhecimento, o modus como se desenvolve e agiliza, a necessidade de aprender ao longo da vida sempre com recurso a meios mais complexificados, para além das chamadas redes sociais, do esbatimento da verdade versus a falsidade, questionar os mecanismos que levam ao pensamento, ao pensamento crítico, às escolhas e orientações, às palavras e às coisas. Atenção mais atenta e eficaz no uso das línguas, das suas estruturas fundamentais, que permitem a comunicação e a intercomunicação, é uma condição privilegiada para a integração e compreensão do mundo que nos rodeias e acolhe, no qual temos que aceitar, reconhecer e criticar o diverso, para uma melhor convivência em sociedade e para o desenvolvimento de uma Humanidade mais humana.

“Num tempo em que a ciência e a cultura sofrem sérias ameaças, que pretendem pôr em causa a independência e a autonomia do conhecimento e da liberdade criadora”, há responsabilidades que precisam ser assumidas por todos para salvaguarda da liberdade e de uma autêntica cidadania. Somos assim, obrigados a compreender a emergência do pluralismo e a incomensurabilidade dos valores éticos como, desde há anos, nos diz Eduardo Lourenço, pensador português, um dos nossos grandes.

A pluralidade, diferenciação, variedade entre os povos supõe a aceitação significativa, expressa na diversidade cultural.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), criou a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural com o propósito de a defender e preservar nos países, justamente quando a designada globalização indiciava o perigo da normalização e homogeneização, com o intuito de proteger o diálogo entre culturas, reconhecendo-as como herança comum da humanidade. A defesa das identidades, dos traços culturais de grupos sociais que se constituem como características próprias, e um justo sentimento de pertença, que se manifesta na língua, religião, costumes, comida, festas, ritos, símbolos artísticos,... que cada um leva consigo pela vida e pelas circunstâncias. É, assim, expectável a defesa de tais elementos identitários.

Cultura é isso mesmo: do latim culturae, cuidar, cultivar, seja o que se planta, seja a mente.

Reconheça-se que há nesta desejada e desejável mútua aceitação, dificuldades de ordem vária, que se adençam e complicam exigindo engenho e saber para lograr esta convivência de multiculturas no espa-

ço social. Exigência de tolerância e respeito pela diferença, compreensão das especificidades próprias das várias histórias culturais e a consciência do valor acrescentado que isso significa, bem como o reconhecimento do enriquecimento mútuo que tal convivência revela. Dificuldades na gestão desta convivência, são hoje tema crítico das nossas sociedades, obrigando a ajustamentos à escala local, à revisão do que seja a pertença cultural enquanto opção individual e não só de grupo(s) e, não menos relevante, pactos cívicos de respeito mútuo e de consideração pela cultura das sociedades de acolhimento, com acento na preocupação mútua com o outro. Pactos flexíveis e negociados, normativamente adequados, carregados de humanização em prol do bem-estar entre homens de boa vontade. A pressão exercida pelas maiorias faz com que, muitas vezes, sejam violados os que defendem as práticas, valores, costumes, modos diferentes. É preciso trabalhar e defender os direitos dos cidadãos e promover a aceitação e respeito pelos seus valores morais, estéticos, religiosos, ideológicos. No entanto, a evolução histórica das sociedades vai reconhecendo e respeitando, em contextos que não são fáceis nem lineares, práticas anti dignidade humana, que vão sendo objeto de censura e até de criminalização, o que indiciava uma busca de normalização dos comportamentos civilizacionais, merecedores da aprovação pelos que defendem o bom estado do mundo.

A diversidade que pode abranger diferenças ao nível da origem étnica, idade, orientação sexual, condição física e intelectual, vivências, refere-se à existência e aceitação de uma enorme variedade de elementos e perspetivas reconhecendo

os seres humanos como únicos e complexos, em que cada um dá ao todo um valor acrescentado, permitindo a construção de sociedades mais equitativas, influenciando procedimentos culturais, económicos e sociais, possibilitando comportamentos inclusivos, em que as diferenças são valorizadas e respeitadas, demonstrando uma atitude de acolhimento e reconhecimento. Atitude que contribui para contrariar a discriminação, o preconceito e a desigualdade.

Não creio ser preciso dizer que o estudo, o conhecimento, o saber são as ferramentas necessárias —ainda que não suficiente— para contrariar a ignorância e a barbárie, territórios onde o diferente merece desprezo e combate. Ao contrário, é essencial para o crescimento e o desenvolvimento, para o bem-estar das comunidades, com o propósito de viver em sociedades mais justas, inclusivas e equilibradas, mais prósperas. Há dias, um americano, circunstancialmente famoso, de que a história esquecerá o nome e a circunstância, disse que “a empatia era um vírus, um bug no sistema moral, uma fraqueza da civilização ocidental”. Contra tal aleivosia atente-se no pensamento da filósofa Hannah Arendt: “A morte da empatia humana é um dos primeiros e mais reveladores sinais de uma cultura prestes a cair na barbárie”.

Com toda a reconhecida diversidade, mas unidos pela comum condição de humanos, devemos nos colocar na disposição de não deixar que sejam criadas entre os homens barreiras cruéis e desumanas.

Este encontro é certamente um lugar privilegiado para uma esclarecida e combatente conversa.

Teresa Calçada

**Responsável pelas políticas públicas de leitura / Portugal.
Júri do Atelier Poético na 1ª e 2ª edição**

La palabra poética

La palabra poética

La palabra poética es aquella que aún no ha sido esclavizada por el lenguaje. Germina en el corazón de quien la recibe y de ese mismo corazón sale, como una semilla de vida, hacia el encuentro de quien la necesita. La palabra poética es creadora y sabia, contiene toda la historia de la humanidad, de principio a fin, y nunca fue profanada. Nació en las noches más heladas de los tiempos primigenios, cuando la tribu se reunía alrededor del fuego para compartir el alimento y los misterios de la vida. A nadie pertenece, es universal y no tiene lengua. Su reino es el reino de la imaginación, la belleza y la verdad. Ella habita en las cortinas de la lluvia, en la corriente de los ríos, en el incendio que anuncia cada mañana o en la sinfonía de los relámpagos. Es la única palabra que contiene el silencio y lo protege.

La palabra poética es atemporal y está plantada sobre territorios inmemoriales. Como los árboles da sombra, cuando la sombra es precisa, y fruto, cuando es preciso saciar el hambre. Posee el color del golpe de la tarde sobre las flores, y todos los otros colores también. La palabra poética está hecha de la misma materia de las nubes, de los animales, de las plantas, de la silla en la que me siento a escribir o de la manta

sobre la que me recuesto a leer. Tiene carne y hueso como los seres humanos y los pájaros, y como nosotros, humanos y pájaros, también sabe cantar y volar. La palabra poética, en su doble naturaleza, tangible e intangible, es el agua viva que sacia la sed insaciable del cuerpo y el espíritu. Como la fe ella también puede mover montañas, y si nos perdemos en las tinieblas, alumbrará con su luz el camino de regreso a casa. La palabra poética no siempre está hecha de letras, ella habita dentro y fuera de los límites de los alfabetos, dentro y fuera de los libros. Está en las plegarias y en las declaraciones de amor, en las canciones de cuna, en los sortilegios, en las salmodias, en los proverbios, en las adivinanzas o en las leyendas. Su fuerza es transformadora, su presencia simbólica, su duración, eterna.

Con frecuencia soy interrogada con una pregunta tan sencilla como difícil de responder: «¿Qué es la poesía?». He intentado varias respuestas, desde las más obvias hasta las más rebuscadas, pero casi siempre termino por evocar el verso de Emily Dickinson: «Si tengo la sensación física de que me levantan la tapa de los sesos, sé que eso es poesía». Lo cierto es que nadie sabe de dónde vienen sus poemas.

Si acerco una caracola a mi oído, ¿quién me habla? Si abrazo un árbol, ¿qué me susurran sus ramas? Si oigo el llanto de otro ser humano ¿cómo le daré consuelo a mi semejante? La palabra poética es intuitiva y empática, reconforta y acaricia, sirve para articular lo indecible. La palabra poética es la fuente de la poesía. El poema enuncia lo que creíamos casi imposible de decir, y exactamente lo que queríamos haber dicho si hubiéramos podido decirlo.

Piedad Bonnett, la escritora colombiana, escribió: «La poesía no acepta servidumbres ni amos: no reverencia ni la moda ni la crítica, ni se deja dominar por las ideologías. El poeta escribe desde sus más pro-

fundas necesidades y trabaja haciendo que la lengua se rebele contra todo lo que la oprime». Estoy de acuerdo. La palabra poética en todas sus formas, escritas y no escritas, será siempre un espacio de paz, libertad y resistencia para los seres humanos. Creo en el poder salvífico y sanador de la poesía porque lo he sentido en mi propia vida. La persona que vive poéticamente, dice María Zambrano, se arriesga a despertar como una criatura deslumbrada y aterida al mismo tiempo. Despertar es participar en un ritual de resurrección cotidiana. Todos los seres humanos estamos llamados a despertar nuestras consciencias. La palabra poética está en el mundo como una mano abierta que espera otra mano, la nuestra.

Lauren Mendingueta

Poeta colombiana participante
de la 1ª edición de Atelier
y jurada en la 2ª edición

¿Qué es Atelier Poético?

O que é o Atelier Poético?

¿Qué es Atelier Poético?

Atelier Poético es una iniciativa dirigida a poetas y creadores de los países iberoamericanos y de la Comunidad de Países de Lengua Portuguesa (CPLP) y consiste en la realización de una residencia en un país miembro de la Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI). Contando con un prestigioso jurado, los poetas seleccionados son invitados a interactuar y crear en un entorno social, cultural y lingüístico distinto.

El proyecto se enmarca en el compromiso de la OEI por la valoración del español y del portugués, lenguas iberoamericanas, entendidas como medio primordial de creación, diversidad, cooperación, afirmación y posicionamiento en el mundo. **Atelier Poético** promueve la capacidad expresiva y el mutuo entendimiento del portugués y del español. El proyecto atiende, ante todo, al propósito de apoyar la creatividad y la diversidad como un derecho irrenunciable de los pueblos. Mediante las dinámicas que el **Atelier Poético** moviliza, la OEI pretende contribuir a la construcción de un espacio de cooperación lingüística y cultural iberoamericano que posibilite el intercambio y la movilidad internacional entre poetas de la región. Al mismo tiempo, el trabajo con alumnos estimula el interés de los más jóvenes y desarrolla su capacidad creativa.

Atelier Poético parte de la premisa de que la movilidad de los poetas promueve experiencias de creación colaborativa, de diálogo intercultural y de encuentro entre lenguas cuyos procesos y resultados trascienden la experiencia individual. En este sentido, el proyecto de residencias poéticas posibilita el desarrollo de redes de creación a través de las lenguas en contacto y la creación de vínculos con proyectos de distinta naturaleza, espacios de creación contemporánea que surgen en torno a una diversidad de expresiones poéticas —textuales (orales y escritas), sonoras, visuales.

Atelier Poético ha cumplido en 2025 dos ediciones. La primera edición (2021-2022) tuvo como tema *el valor de la palabra, de la lengua y de la comunicación en las sociedades contemporáneas*, apoyando a diecisiete poetas procedentes de nueve países iberoamericanos y de la CPLP. Debido a las restricciones sanitarias mundiales, las residencias artísticas tuvieron realizarse de forma virtual: siete poetas de lengua portuguesa procedentes de Angola, Brasil y Portugal trasladaron virtualmente su estudio a países de lengua española (América Latina o España) y, en sentido inverso, diez poetas de lengua española nacidos en Argentina, Colombia, Ecuador, España, México y Perú movieron su taller a países de lengua portuguesa (Brasil o Portugal). En



los talleres, con las dos lenguas en diálogo, participaron 118 estudiantes y se realizaron 66 horas de creación poética en colaboración por medio de 51 sesiones online, que permitieron explorar distintas formas de expresión poética (textos, caligramas, *slam*, poesía visual, audio, performance...). Las producciones finales quedaron publicadas⁴ y además, se celebró un festival virtual que quedó registrado en vídeo⁵.

La segunda edición (2024 y 2025), realizada de manera presencial, se centró en el tema de *la diversidad*, contando con la participación de seis poetas: tres poetas de lengua portuguesa, de Brasil, realizaron sus residencias en España y México, y tres poetas de lengua española de Colombia y México realizaron residencias en Brasil y Portugal. En estos cuatro países se realizaron proyectos poéticos y artísticos como talleres encuentros poéticos, festivales,

concursos y presentaciones, con actividades en siete sedes principales: Museu de Arte do Rio y Universidade Federal (Rio de Janeiro, Brasil); Universidad Autónoma de Nuevo León (Monterrey, México); La Parcería, IES María de Molina y Universidad Complutense (Madrid, España); y Biblioteca de Alcántara (Lisboa, Portugal).

Del impacto de esta edición dan cuenta las cifras alcanzadas: 25 sesiones presenciales de creación poética en colaboración, en las que participaron 143 alumnos, 13 profesores y 20 artistas (otros poetas, fotógrafos, gestores culturales etc...), sumando un total de 241 participantes. Se llevaron a cabo 16 colaboraciones con entidades diversas (institutos, museos, universidades, bibliotecas y otras instituciones), lo que permitió trascender el marco de los talleres inicialmente previstos y ampliar el proyecto hacia otros espacios y actividades. Son

⁴ Ver: <https://oei.int/wp-content/uploads/2023/05/atelier-poetico-residencias-en-movimiento-residencias-em-movimiento.pdf>

⁵ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=51F8KcNl4cE>

ejemplos de ello la realización de concursos de poesía hablada, reuniones en la casa de poetas con la participación de alumnos o la visita a espacios y eventos relacionados con la lectura y la palabra, como la Feria del Libro de Madrid y la feria del Libro de Lisboa. Esta segunda edición contó con la participación de 482 personas.

El valor de **Atelier Poético** está en el intercambio entre jóvenes y poetas de modo que ambos se beneficien de las oportunidades que surgen en el encuentro creativo entre lenguas y contextos culturales distintos. La publicación que aquí se presenta da cuenta de las creaciones, individuales y colectivas, que fueron fruto de esta segunda edición de las residencias. En cada uno de los seis capítulos (uno por poeta), además del poema creado que el poeta envió al concurso por el que fue seleccionado, se incluye una selección de los poemas escritos por los alumnos de los talleres⁶. La riqueza y variedad del proceso de creación poética y artística alcanzado en esta segunda edición se evidencia en el apartado final de esta publicación: una galería que expone una muestra de acciones complementarias de los talleres, como concursos, performances, visitas y mucho más.

En todos los casos se ha mantenido el lenguaje y el estilo que cada autor —tanto poetas como estudiantes— eligió libremente, sin importar cuál sea su idioma de origen. Incluso, en algunos poemas es posible percibir combinaciones de idiomas, lo que da cuenta de la atmósfera de colaboración y creación compartida que se vivió en los talleres. Los textos que se presentan a continuación constituyen una muestra parcial de lo vivido en las residencias artísticas. Sin embargo, esperamos que su lectura permita apreciar el lazo creativo y emocional que puede nacer cuando la palabra se convierte en puente para el encuentro, la convivencia, la creación y el trabajo colaborativo.

⁶ Nota sobre esta publicación: Se han respetado al máximo las creaciones de los poetas y estudiantes, en cuanto a signos de puntuación, libertad de escritura, etc., atendiendo a la diversidad de formatos creativos empleados en los talleres (texto, poesía visual, caligramas, canciones, vídeo poemas, *slam*, etc.). Algunas de las creaciones de los estudiantes, por motivos de edición, no han podido ser reproducidas en esta publicación.

O que é o Atelier Poético?

Atelier Poético é uma iniciativa destinada a poetas e criadores dos países ibero-americanos e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e consiste na realização de uma residência em um país membro da Organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI). Contando com um júri conceituado, os poetas selecionados são convidados a interagir e criar num ambiente social, cultural e linguístico diferente.

O projeto insere-se no compromisso da OEI com a valorização do espanhol e do português, línguas ibero-americanas, entendidas como meio primordial de criação, diversidade, cooperação, afirmação e posicionamento no mundo. **Atelier Poético** promove a capacidade expressiva e o mútuo entendimento do português e do espanhol. O projeto visa, sobretudo, apoiar a criatividade e a diversidade como um direito inalienável dos povos. Através das dinâmicas que o **Atelier Poético** mobiliza, a OEI pretende contribuir para a construção de um espaço de cooperação linguística e cultural ibero-americana que possibilite o intercâmbio e a mobilidade internacional entre poetas da região. Ao mesmo tempo, o trabalho com alunos estimula o interesse dos mais novos e desenvolve a sua capacidade criativa.

Atelier Poético baseia-se na premissa de que a mobilidade dos poetas promove experiências de criação colaborativa, diálogo intercultural e encontro entre línguas, cujos processos e resultados transcendem a experiência individual. Nesse sentido, o projeto de residências poéticas possibilita



o desenvolvimento de redes criativas através das línguas em contato, e a criação de vínculos com projetos de outra natureza e espaços de criação contemporânea que surgem em torno de uma diversidade de expressões poéticas - textuais (orais e escritas), sonoras, visuais.

Atelier Poético completou duas edições em 2025. A primeira edição (2021-2022) teve como tema *o valor da palavra, da linguagem e da comunicação nas sociedades contemporâneas*, tendo sido apoiados dezessete poetas de nove países ibero-americanos e da CPLP. Devido a restrições sanitárias globais, as residências artísticas realizaram-se de modo virtual: sete poetas de língua portuguesa de Angola, Brasil e Portugal deslocaram-se virtualmente para países de língua espanhola (América Latina ou Espanha) e, inversamente, dez poetas de língua espanhola da Argentina, Colômbia, Equador, Espanha, México e Peru deslocaram a sua oficina poética para países de língua portuguesa (Brasil ou Portugal). Nas oficinas, com as duas línguas em diálogo, participaram 118 alunos e realizaram-se

66 horas de criação poética colaborativa por meio de 51 sessões virtuais, que permitiram a exploração de diferentes formas de expressão poética (textos, caligramas, *slam*, poesia visual, áudio, performance...). As produções finais encontram-se publicadas⁴ e foi ainda realizado um festival virtual registrado em vídeo⁵.

A segunda edição (2024-2025), realizada de forma presencial, desenvolveu-se sob o lema da *Diversidade*, tendo participado um total de seis poetas: três poetas de língua portuguesa, do Brasil, realizaram residências em Espanha e México, e três poetas de língua espanhola da Colômbia e México realizaram residências no Brasil e em Portugal. Nesses quatro países, decorreram projetos poéticos e artísticos como oficinas, encontros poéticos, festivais, concursos e apresentações, com atividades em sete espaços principais: Museu de Arte do Rio e Universidade Federal (Rio de Janeiro, Brasil); Universidad Autónoma de Nuevo León (Monterrey, México); La Parcería, IES María de Molina e Universidad Complutense (Madri, Espanha); e Biblioteca de Alcântara (Lisboa, Portugal).

⁴ Consulte: <https://oei.int/wp-content/uploads/2023/05/atelier-poetico-residencias-en-movimiento-residencias-em-movimento.pdf>

⁵ Consulte: <https://www.youtube.com/watch?v=51F8KcNl4cE>

O impacto dessa edição pode ser visto nos números alcançados: 25 sessões presenciais de criação poética colaborativa, em que participaram 143 alunos, 13 professores e 20 artistas (outros poetas, fotógrafos, gestores culturais etc.), num total de 241 participantes. Foram estabelecidas 16 parcerias com entidades diversas (institutos, museus, universidades, bibliotecas e outras instituições), o que possibilitou ir além das oficinas inicialmente planejadas e estender o projeto a outros espaços e atividades. São exemplos a realização de concursos de poesia falada, reuniões em casa de poetas com participação de alunos ou a visita a espaços e eventos relacionados com a leitura e a palavra, como a Feira do Livro em Madrid e a Feira do Livro de Lisboa. Esta segunda edição teve a participação de 482 pessoas.

O valor do **Atelier Poético** está no intercâmbio entre jovens e poetas, ambos beneficiando das oportunidades que surgem no encontro criativo entre diferentes línguas e contextos culturais. A publicação que aqui se apresenta dá conta das criações, individuais e coletivas, que resultaram desta segunda edição das residências. Em cada um dos seis capítulos (um por poeta), além do poema que o poeta submeteu ao concurso em que foi selecionado, in-

clui-se uma seleção dos poemas escritos pelos alunos nas residências⁶. A riqueza e a variedade do processo de criação poética e artística alcançado nesta segunda edição evidenciam-se na seção final desta publicação: uma galeria que exhibe uma amostra das ações complementares das oficinas, como concursos, *performances*, visitas e muito mais.

Em todos os casos, a linguagem e o estilo escolhidos livremente por cada autor - tanto poetas quanto alunos - foram mantidos, independentemente de seu idioma de origem. Em alguns poemas, é até possível perceber combinação de idiomas, o que mostra a atmosfera de colaboração e criação compartilhadas experimentada nas oficinas. Os textos que aqui se apresentam constituem apenas uma amostra das experiências vivenciadas nas residências artísticas. Esperamos, no entanto, que a sua leitura permita apreciar o vínculo criativo e emocional que pode nascer quando a palavra se torna uma ponte para o encontro, a convivência, a criação e o trabalho colaborativo.

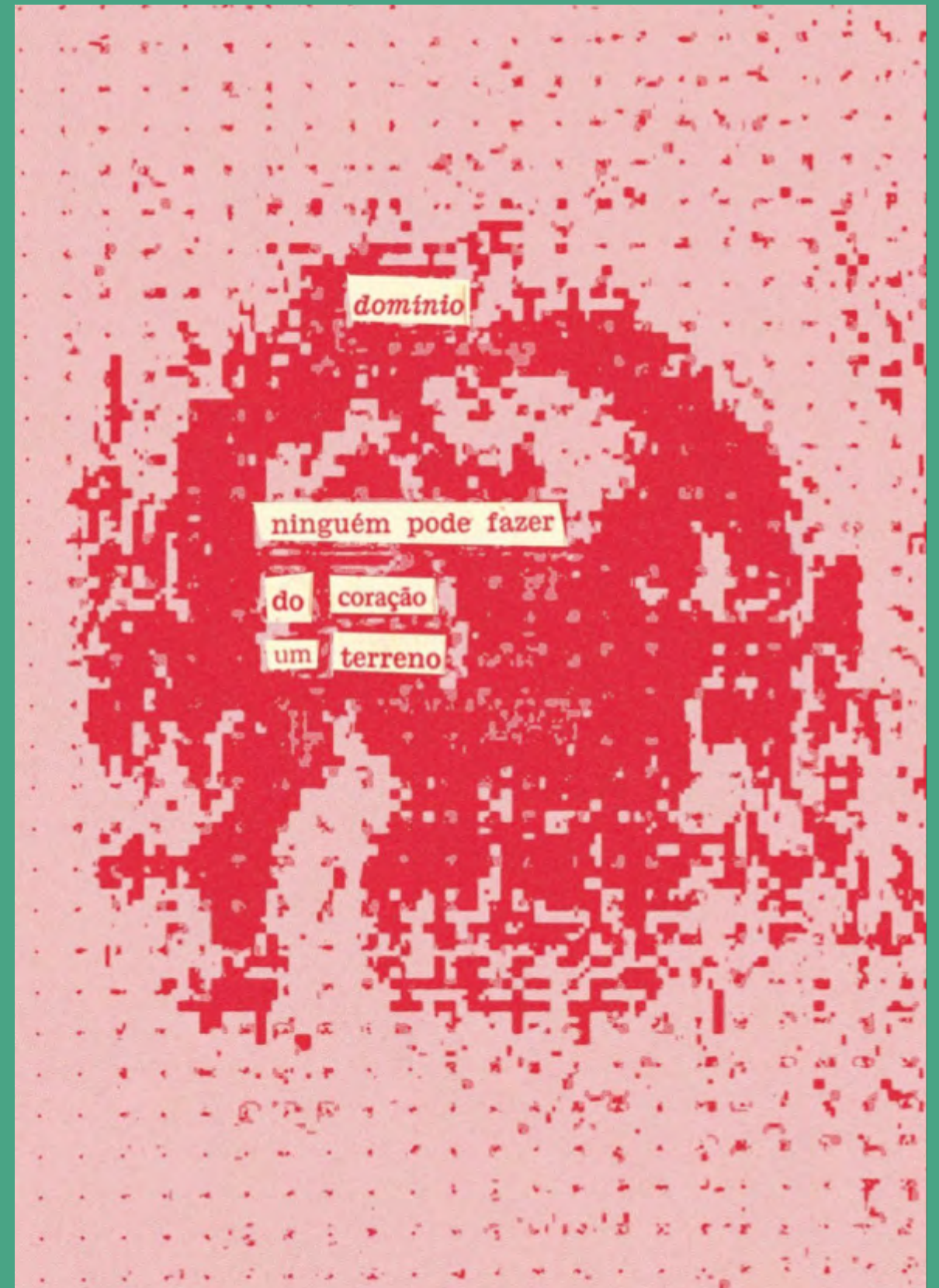
⁶ Observação sobre esta publicação: As criações dos poetas e alunos foram respeitadas tanto quanto possível, em termos de sinais de pontuação, liberdade de escrita etc., levando em conta a diversidade de formatos criativos usados nas oficinas (texto, poesia visual, caligramas, músicas, poemas em vídeo, *slam* etc.). Por motivos de edição, algumas das criações dos alunos não puderam ser reproduzidas nesta publicação.

Poemas em residencia

Poemas em residência

Fora de registro

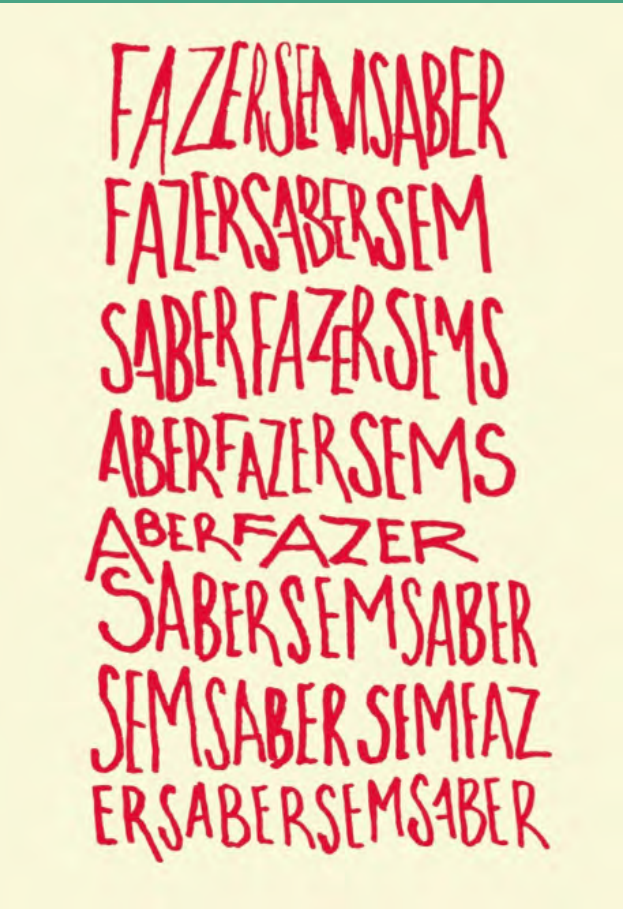
Juliana Maffeis (Brasil)



Domínio

Fluxografia. Práticas de poesia experimental

(Oficina com jovens de Espanha)



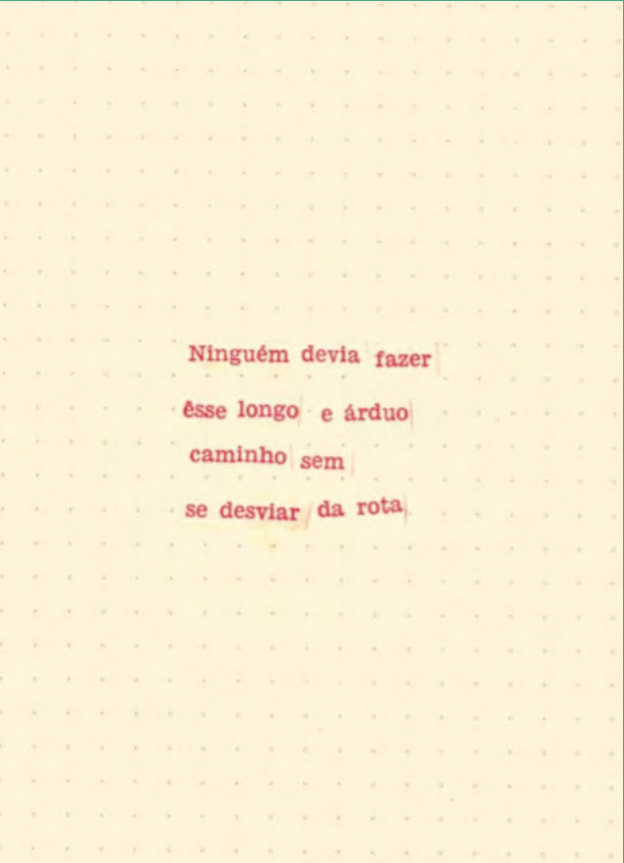
Atravessar um oceano com uma mala repleta de cola, papel e tesoura. Planejar cada passo, com desejo e ansiedade, e ver que tudo ficou diferente. Rápido demais, aquele pensamento de ontem perdeu o sentido. Foi preciso suspender o roteiro, recalculando a rota e pisar firme para olhar fundo toda paisagem que se erguia logo ali. *Buenos días*. Minha língua, dentro da boca, agora, era outra. ¿Puedo hablar en portugués? Por

sorte, todos respondiam: *por supuesto!*, e assim descobri que brasileiro era também meu modo de sentir o mundo. Presa num sotaque sulista, muy latino, de fronteira hispanohablante, onde um portunhol selvagem te captura sem milongas, fui compondo um ritmo para falar de poesia. Acontece que esse instrumento não é meu: é de onde venho e meu corpo em movimento tenta montar com as mãos parte da nossa vivência.

Abrir a mala em Madrid e levar para as oficinas pedaços de memória para compor outras. Talvez um método de trabalho arbitrário, mas o único que trouxe. Pegar um trem errado e um metrô certo para chegar até a biblioteca. Montar uma mesa de palavras como quem prepara uma festa, e no lugar dos doces, imagens; das tapas, tesouras; das garrafas, papéis coloridos; das fatias de bolo, tubos de cola; e no lugar da música, o encontro das línguas em constante situação de ruído, mas em pleno estado de comunicação. A proposta era observar a relação entre imagem e palavra, como dois corpos que falam a mesma língua – sem saber – e precisam quebrar a fronteira para dançar junto. Não demorou muito: quebramos o silêncio,

bailamos dias y dias, mapeamos página por página um livro que ganhou horizonte no próprio título.

Observar as letras do alfabeto, como quem aprende a olhar, antes da leitura decodificada e alfabetizar-se pela imagem. Permitir o susto: que nos falem todos os mecanismos de defesa para que possamos sentir o espanto de quem aprende e, depois de saber, ainda perceber o quanto falta para acessar o desejo. Pegar com as duas mãos, sujar os dedos, lembrar das palavras mais fortes, mais distantes, seus sons e suas cores. Resgatar a criança que brinca por brincar e que ao fazer sem saber fazer descobre sua própria linguagem. Dijubar uma palavra em português. Escribir una imagen em espanhol. Tanto faz. Estamos em festa: juntando os repertórios trazidos em cada mala com o peso da nossa origem e a graça de nossa infância para observar como a poesia se manifesta quando provocada em sua matéria. Acompanhar um processo de criação é percorrer um território pela fronteira, onde tudo escapa, mas também onde todo encontro traz na forma seu modo de descobrir um mundo.



Fluxografia. Práticas de poesia experimental
Poeta em residência: Juliana Maffei (Brasil)
IES María de Molina (Madrid)
Universidad Complutense de Madrid
Estudiantes de Secundaria y universitarios

Andrea

AGUA

alegre

animales,

azulado

amor

Hace mucho tiempo, en un lugar muy ap
rístico de la provincia de Ehime, al sur d
viva un joven matrimonio de campes
una hija a la que amaban sobre todas las cosas.
Un día, siendo la niña muy pequeña, el p
arse a Matsuyama, la capital de l
samente de esposa e h

HABLAR

Hombre

tema:

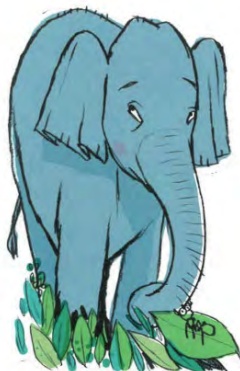
- «hecto» ('cient')...
- «homo» ('igual')...
- «hexa» ('seis')...
- «hetero» ('distinto')...
- «hepta» ('siete')...
- «hiper» ('exceso')...
- «helio» ('sol')...

• **Hamlet** (c. 1600) William Shakespeare
Hamlet, príncipe de Dinamarca, recibe la visita del espíritu c
le informa de que su muerte no ha sido natural sino que fue
hecho con la connivencia de la reina su amante. Hamlet
se enfrenta a su lo y a su madre, pero antes quiere cumplir
reclama.

H u g o

de. La principal d
de autor y el p
el investigador
se caracterizan p
r facción de prov
nes. El guión pasa
y solo importa la
solo hay que ver la
as de terror com
todo los thriller
ncorporan tramas
sociológicas que m
listir en la ansiedad
n en el lodo de la
y se limitan a vomit
n por el mundo. No
Entonces, ¿as la
hace del terror un
El terror elevado h
marse en las salir
za que logró el u
ngi hace años? ¿e
De todas formas
ptual del terror h
tas como A. J. Aste
Garland el derech
saba, pese al oír
in que otro co
Que el otro co
los centenas
e directam
la misma
inspección de
los centenas
de divinidad
visual y otro
e directam
la misma
inspección de
los centenas
de divinidad
visual y otro
e directam

Esencia



El espejo

Explora

Edad:

EXQUISITO

EDUCACIÓN

Europeo

Mira el mundo

El ahogado más hermoso

MISTERIO

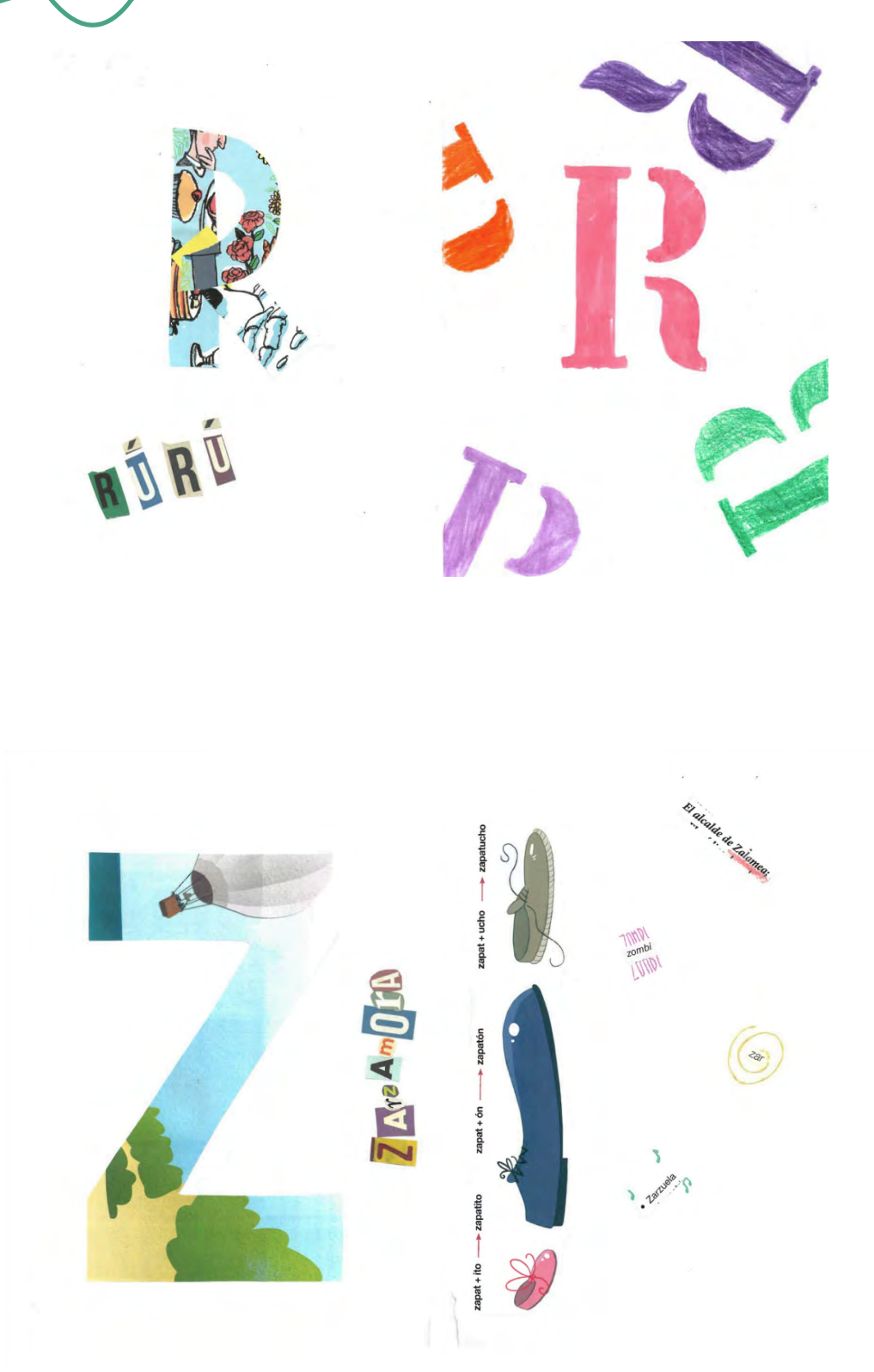
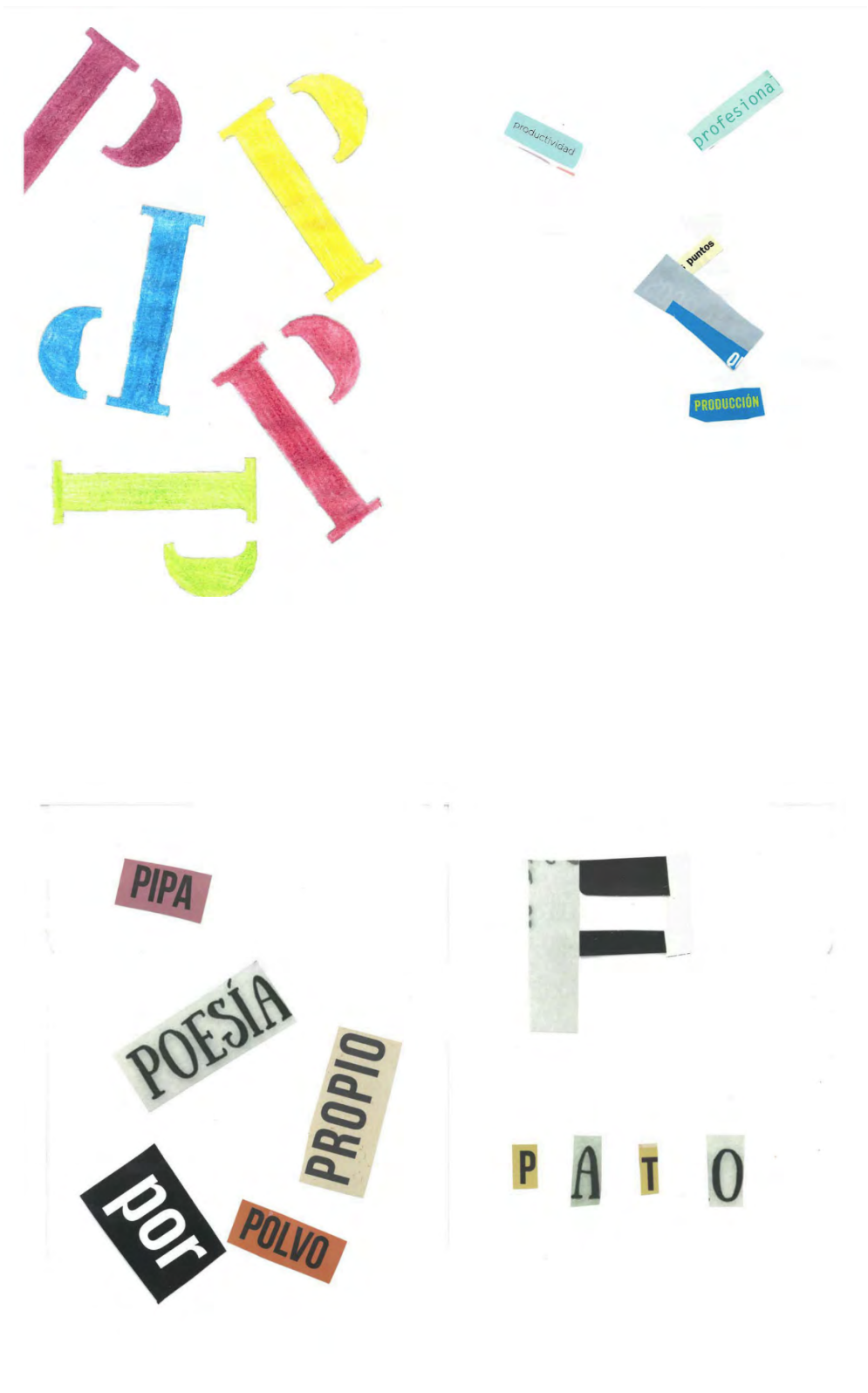
Muertos?

MARIPOSAS

Si hubiera un barco, cruzaría todo el río.

perde que
oveja que
bocado
bala
borro
bombardo
Barranquilla
besa
BUSC
BANCO
bitácora
barco
Bélgicamente

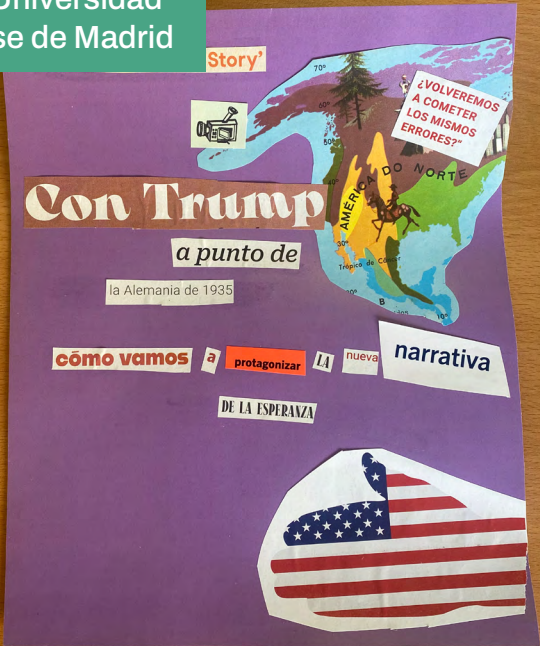
M



Scarlet Carvalho, Gina Bacalu, Pablo Ramírez, Hugo Calvo, Óscar Pineda, Ainarra Martín, Leyre Morocho, Nahia Olaso, Constantin Safan, Marna Aboufayad, Mariana Sofía Ocaña, Miriam Azanza, Marina Pando

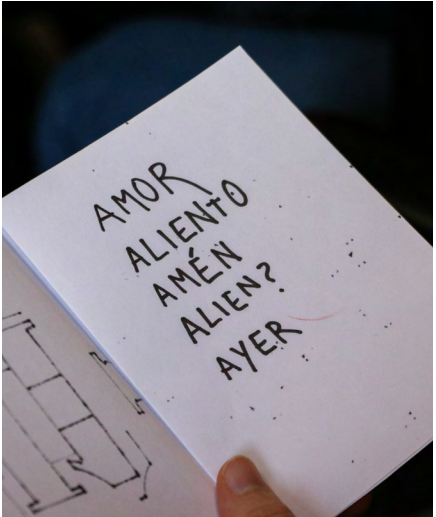
IES María de Molina

Taller en la Universidad Complutense de Madrid

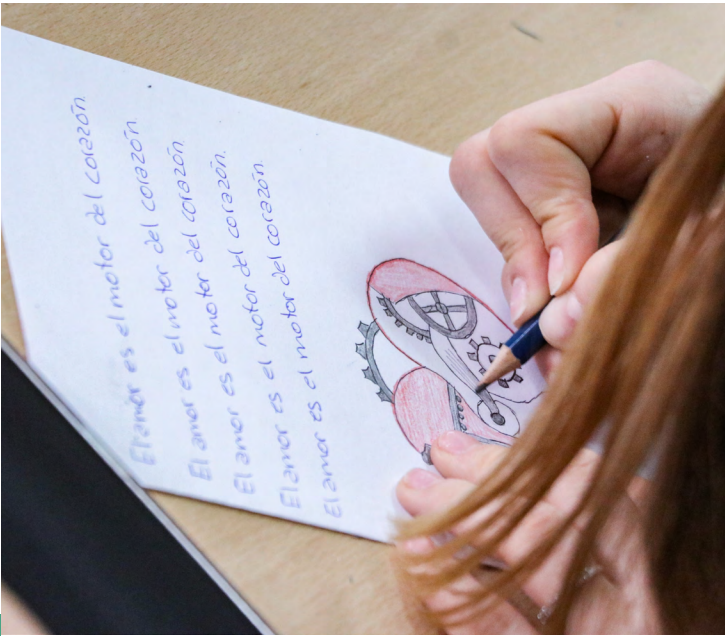


Además

Las creaciones del taller quedaron recogidas en **Más allá del horizonte**, publicación elaborada por la poeta Juliana y los alumnos.



IES María de Molina



Escanéa el código QR y descubre la publicación.

Diversa Paisagem

*Renan Sidney da Silva Costa
(Brasil)*

Diversa Paisagem

em lugar outro do mundo
e aqui também
o outro contém a paisagem
na paisagem que nos contém
pensa, fala e escreve
como o lugar que está situado
na essência da vida
estamos juntos
ainda que separados
e a paisagem
segue diversa
como todo coração
na essência da vida
estamos juntos
iguais em amação
diversos modos
de fazer a vida
pela paisagem inventada
longe das grandes narrativas
crescem histórias
que nunca serão contadas
os magos da terra
resistem na utopia
por eles resguardada
para além das divisas
na diversa paisagem
a vida cresce
insubordinada

Renan Sidney da Silva Costa (Brasil)

Diversa Paisagem - Conexões Poéticas Ibero-Americanas (Oficina com jovens de Espanha)



A oportunidade única de realização da oficina Diversa Paisagem em Madrid, no espaço La Parceria, aconteceu como um desafio para estabelecimento de comunicação entre países, línguas e pessoas diferentes, mas que claramente mostram inúmeras semelhanças.

Estabelecer conexões e refletir sobre a diversidade da paisagem numa grande cidade, como Madrid, é também uma busca pelo outro e por novos pontos de vista, pela possibilidade de troca, por uma construção comum e coletiva da vida na paisagem.

Pensada de uma forma poética como “a criação de uma ponte”, a oficina se baseou na apreciação da arte e da poesia de inúmeros artistas que trazem em suas obras o olhar para o mundo, para suas próprias questões, mas também para o ponto de vista do outro. Cabe citar as criações artísticas e poéticas de Leonilson e Adelaide Ivánova.

O movimento de criação poética se estabeleceu de forma fluida e coletiva, onde se permitiu aos participantes integrar e interferir nas questões do grupo, expressas em forma de poesia e imagem. Começar e terminar as poesias e fotografias artísticas da oficina foi também encontrar saídas compartilhadas, rotas pela cidade, soluções comuns que abarcassem a diversidade.

Aqui, apresentamos os resultados entendendo que paisagem e diversidade são conceitos de natureza muito democrática que, por sua amplitude, conseguem integrar o conjunto das semelhanças e diferenças, assim como arte e poesía.

Diversa Paisagem: Conexões Poéticas Ibero-Americanas
Poeta em residência: Renan Sidney da Silva Costa (Brasil)
La Parceria (Madrid, Espanha)
Jovens

Calor

Quema
Arde
El verano en Madrid

Silvia y Rut

El mapa de Madrid

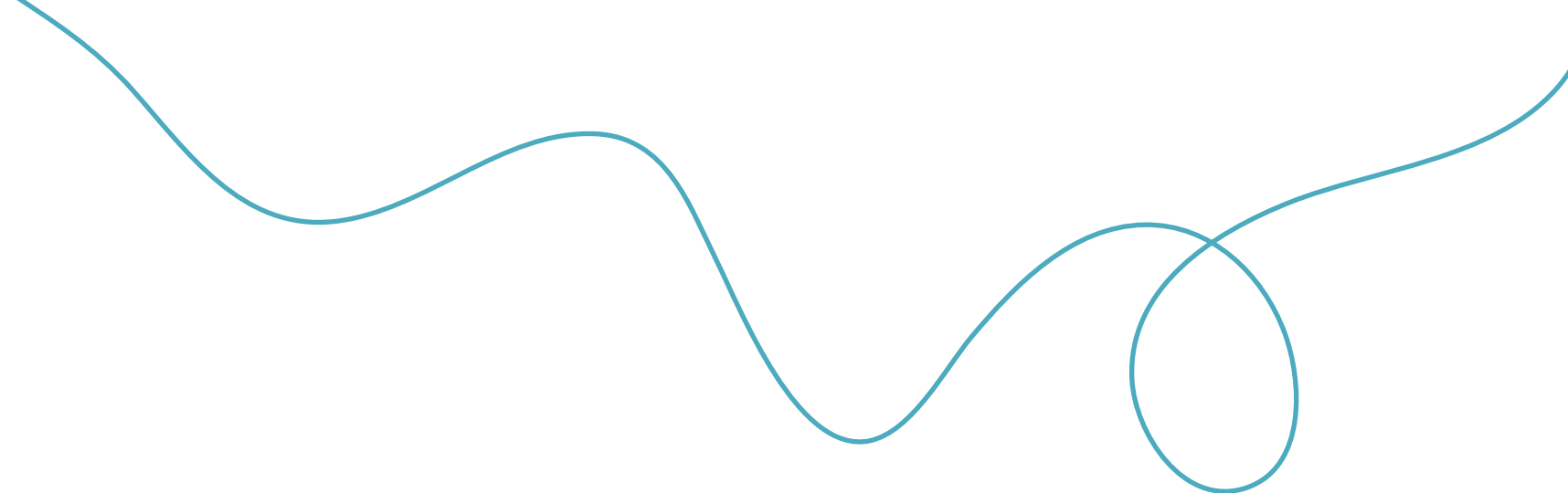
Soy caminos y arduos
Momentos de encontrarse
Y no perderse
Soy también lo que digo
No ser:
Destino

Brenda, Renan y Rut

Granada

Pensé que era un lugar
Luego me comí la fruta
Y reconocí que apenas
Estoy
Comenzando a conocer

Brenda y Rut



Estavas entre las arboles

Estavas entre las arboles
Del parque
Y encontramonos
Combinamos
Cuerpos
Caminhos
Y descendimos al edén
Solo la busco ahora la
Manzana
¿recuerdas?
Después comimos unas cién
E não há mais o que
Acrescentar
Porque, enfim
Tudo acaba bem

Brenda, Iñigo, Paloma, Renan y Rut

Sueño

Sueño buscando
Respuestas para
Poder encontrar la llave
Que abre tus puertas
Que cierra las otras
En la noche se aparecen
Los fantasmas:
Del pasado, del futuro
Em minha frente
Existe um muro
E lhe ponho abaixo
Sem chaves
Como em berlim
Pero si cumple
Logo abrirte
E liberarme
De esta frontera

Brenda, Iñigo, Paloma, Renan y Rut

Pero hay tiempo para todo

No te quiero mediocre
Dibujando una luna
O contando estrellas
Te deseo de cuerpo
Presente
(Pero hay tiempo para todo)
Pero hay tiempo.
Para. Todo.
Quando te deso de cuerpo
Presente
E isso é algo que sei
Porque o amor é assim
Um instinto
Uma coisa
Que apenas se sente
Presente

Brenda, Iñigo, Renan y Rut

Abracadabra

Abracada.abra
y cierre cada bocanada.
Dónde está la pieza
del puzle.
Juegos y engaños infantiles
para adultos felices.
Fumamos cigarros en la ventana:
otra bocanada,
las piezas encajan. Sonríes.
E deixe estar
Eu estou aqui

Brenda, Iñigo, Paloma, Renan y Rut

Madrid



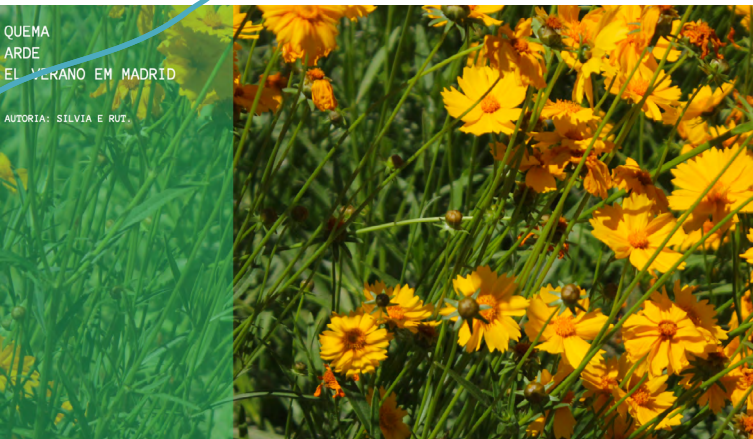
Además

Las creaciones del taller de Madrid quedaron recogidas en Diversa Paisagem, publicación elaborada por el poeta Renan Sidney.



El taller se replicó a la vuelta del poeta a su ciudad, Fortaleza (Brasil)

QUEMA
ARDE
EL VERANO EM MADRID
AUTORIA: SÍLVIA E RUT.



Escanéa el código QR y descubre la publicación.

Poema cantado da Mãe Douro

Weber Carvalho (Brasil)

Poema cantado da Mãe Douro

A estória que eu conto
É pra sempre te lembrar
Que houve um tempo
Onde começamos a lutar

Quem me contou foi um banzo
De um negro matraqueiro
É o conto de José

De Marias e zabumbeiros.

Dramaturgia chegou agora
Conta a história de um lugar
De um rio que não tem peixe
Mas tem cachaça pra tomar

Nos veio vindo
Não é de agora
Chegue mais perto
Pra escutar a nossa história

Entao chegue mais perto
Pra escutar a nossa história:

O Brasil foi descoberto
Ou aqui se descobriu
É o rio parte da margem
Ou é a margem parte do rio

Verdades são contadas
Mentiras repetidas
Identidades silenciadas
Mas nunca esquecida

Me contaram que aqui
havia ouro de lava.
No morro do Voturuna
em Pirapora e Parnaíba.

Nessa terra de gente negra
Tinha índio e bandeirante
Jesuítas missionários
Isso em um tempo distante

Onde o rio ainda limpo
Tinha peixe na taquara
Nessa época despontou
No Voturuna e no Cururuquara

Uma luz incandescente
Ali no seu apareceu
É de fogo
ou foi o samba que me aqueceu

Mas é claro que esquentava
Também queima até a morte
Queima o braço, queima a perna,
Só não queima quem tem sorte

Que luz é essa
Lá no céu alumiou
Do lajeado ao Voturuna,
Por ali a luz passou

E não é apenas luz
que sai debaixo desse morro
E seguida de fortes raios,
escutei fortes estrondos
O barulho vem do morro
São os negros nos chamando
Eles contam um segredo
Que a luz está guardando

Quem a viu não esqueceu
E por ela tem respeito
Não morreu sabe por deus
Não chegou ao vosso tempo

Mas afirmo, corra
Não fique parado
Pois o morro do Voturuna
É lugar mal assombrado

Corajosa Alice
Devota Maria
Não sabem que essa luz
Esconde a alforria

Dizem que antigamente
Em uma mina de ouro
Descoberta pelos jesuítas
Havia grande tesouro
E Com medo de serem tomados
Ou pressentindo algo de mal
Recolheram todo ouro
E o esconderam de pombal

Pombal era do reino
E tinha avisado uma vez
Se no morro houvesse ouro
Era dele e do rei
Aos negros o serviço duro
De carregar para a galeria
Todo ouro estocado
salvo guardo e garantia

Depois de terminado,
Todo ouro bem guardado
Não havia para fora pepita alguma
Tudo escondido no alto do Voturuna

O ouro estava a salvo
Não poderia encontrar
Mas os negros esses sim
Pressionados poderiam lhes contar

Os jesuítas fecharam a saída
Antes do negro voltar
Que procuraram por outras
Mas nunca puderam encontrar

Os escravos foram trancados
E o ouro protegido
Os Jesuítas foram mortos
E os negros esquecidos

O morro mal assombrado
Ate hoje é temido
Em noite quaresma
Ouvem-se gemidos

Mas se alguém presenciar
Essa luz de cor de ouro
Tem a chance de encontrar
Possuir esse tesouro
Deve o que vê
Debruçar
Com as mãos
O rosto esconder

Coragem para espera-la
e bravura para dizer
Mãe douro! Em nome de Jesus
Maria e José acabai o seu encanto

A luz então se apaga
E dos negros termina o pranto
E quem desencantou será recompensado
Uma pedra de pura a ele será dado

Mas que nunca essa riqueza
Seja usada para o mal
Cuspa na pepita três vezes
E faça o juramento final

Porque só assim será dono desse tesouro
Caso contrário, cuidado com a mãe douro.

Weber Carvalho

Curruquara é tradição
Lugar de grande tesouro
Acredite meu amigo
Aqui voava, mãe de ouro

Oficina de Dramaturgia Rural (Oficina com jovens de Mexico)



A técnica da Dramaturgia Rural é utilizada para contar fábulas e contos sobre o lugar. A oficina realizada no México passou por algumas etapas: iniciamos primeiro com o corpo, os movimentos rápidos, lentos, leves e pesados, começamos através dos jogos teatrais a desenhar no espaço. Depois de um tempo passamos para o momento de refletir sobre as técnicas que utilizamos, e questionar de que forma a memória abastece a ação do nosso presente? Como ela reverbera?

Buscando por essa memória, iniciamos um trabalho de contar histórias através de um objeto, objeto esse que tinha poderes

mágicos, que possibilita a pessoa a fazer aquilo que deseja, mas surgiu uma pessoa (imaginada) que não quer que ela tenha o objetivo (DRAMA) e por último pensam em um lugar onde essa pessoa encontra com ela e quer ficar com o seu objeto, sem saber se a pessoa consegue ou não ficar com seu objeto é quando passamos para o trabalho de mesa, passamos a escrever sobre as hipóteses de desenlace. O lugar atua provocando a topofilia, como se natureza e cultura estivessem fundidas a essa memória.

A experiência com o México foi a oportunidade de conhecer um lugar, pelas cores, cheiros e contos sobre a montanha que eu escutava dos estudantes de teatro, tudo na língua espanhola falada no mexicano, me deixei levar por essa dança, e dançamos!

Foi uma experiência muito significativa, de receber uma delegação da escola sete meses depois em minha casa em Santa Cruz – Portugal. Juntos apresentamos o livro que escrevemos do outro lado do atlântico, onde foi produzido outro livro sobre as memórias de Santa Cruz, em parceria com o Coletivo Saloio de Portugal.

Este é certamente um indicativo de que o mar que muitos pensam separar, apenas une, espécies diversas em uma única experiência possível, a de estar em natureza humana que está em todas as coisas e principalmente nos lugares.

Agradeço ainda a Ana da OEI Portugal pela dedicação ao projeto, a Rut por tornar possível quando parecia impossível, a Silvia que me mostrou os caminhos e a Tânia e a Bárbara por não desistirem. Em especial a atriz e professora Yesenia Lopes e o diretor da escola de Teatro de Monterrey Francisco Javier Treviño por acreditar sempre!!!

Fizemos um lindo encontro em Monterrey e em Santa Cruz - Torres Vedras!!!

Celebramos a língua ibérica e ainda que ela carregue as marcas da colonização, é através dela que escrevemos as memórias dos povos colonizados.

Por fim a Marília, Ravi e Kairú que me acompanham nestas jornadas!!!



Oficina de Dramaturgia Rural
Poeta en residencia: Weber Carvalho (Brasil)
Feria del Libro Universitario de la Universidad Autónoma de Nuevo León - UANLeer
Jóvenes de la Escuela de teatro de la UANL

Elena con H

Elena

Abel, padre de Elena

Ana, madre de Elena

Caín, Tío de Elena

Elena:

El Firulais y yo somos los guardianes de casa

Él cuida los muros y yo la cerradura

Para guardarnos seguros a salvo del intruso

Que oculto

Elena:

Sentada, quieta y atenta

Mirando a ambos costados

Como me ha adiestrado mi madre

Sosteniendo las llames que me ha encomendado

Aunque solo espero a que pase el intruso

Elena:

Abel nombre de mi padre es

Y su hermano el que carga la máscara de Caín

Me dirige a donde juego de lunes a viernes

Ambos tomados de pierna y mano

Caín:

La serpiente de la entrepierna despierta

Ansiosa de devorar a su presa

Aguarda pues pronto nos deslizaremos en su interior

Con la llave maestra de su morada

Elena:
El piso ya no es lava y mi pierna libre es
De manos ajenas
Ahora corro libre en un jardín de crayolas
Pintando las huellas de los que están conmigo andando como ciervitos

Elena:
Vuelve el hermano que carga la máscara de Caín
Me dirige a casa
Ambos tomados de pierna y mano

Elena:
El piso ya no es lava y mi pierna libre es
De manos ajenas

Elena:
Ahora en casa, Firulais cumple su tarea
Y yo olvidaba con Caín las llaves encomendadas
y la puerta sin abrir queda

Abel (padre):
No has cumplido con lo mandado
¡Llave, llave, llave!
Fallaste a tu casa y el pueblo paterno
Te destierra a tu torre
¡Llave, llave, llave!

Elena:
¡Llave, llave, llave!

Ana (mamá):
De Elena a Helena has pasado
Pues el silencio que da alusión a la primera letra de tu nombre
He omitido a mi niña de antes.

(Helena va a su castillo)

Caín:
¡Llave, llave, llave!
Yo a por mi Elena voy
Con la llave maestra que su muslito
inocentemente me ha dado
Guiado por la serpiente a cumplir su cometido
Me deslizó suavemente empujando las murallas de su fortaleza.

Eddie Fernández, Leonardo Bravo, Mitzy Torres y Madison Ruiz

Mata de rosa palo de tigre

De kuitol quería un violoncinito,
Claramente no se podía,
Si a veces ni pa'un panecito,
De kuitol quería un violoncinito

Querreque (Querreque)

Llora, ríe y baila con la muerte;
Escuchaba yo de la gente
Escuchaba yo de la gente
Llora, ríe y baila con la muerte

Querreque (Querreque)

El fantasma de la vergüenza
Sentía no estando en familia
Sentía no estando en familia
El fantasma de la vergüenza

Palo de rosa mata de tigre
Llevo en el corazón alegre
Llevo en el corazón alegre
Mata de rosa palo de tigre

Querreque (Querreque)

Mi raíz aquí presente
Pa ustedes güeros sin chiste
pa ustedes güeros sin chiste
miren este ejemplar presente

Querreque (Querreque)

Pónganle mucha atención
Admiren este color
Admiren este color
De bronce piel y corazón

Querreque (Querreque)

Pa'que desvíen la mirada
Acaso miedo les doy
Acaso miedo les doy
Mírenme con honor

Querreque (Querreque)

Tranquilo no temas mi amigo
No soy el conquistador
No soy el conquistador
Teme del opresor

Querreque (Querreque)

Sigo siendo el oprimido
Mi sueño poder tocar
Aquel Nuk'b que de kuitol
Yo siempre quise comprar

Querreque (Querreque)

Cantando para continuar
Continuar para poder cantar
Oigan la frase huasteca
Al corazón ha de entrar

Xantorom xon'ti uk'nal y te te'nal y bis'nel ka'n an che'melom

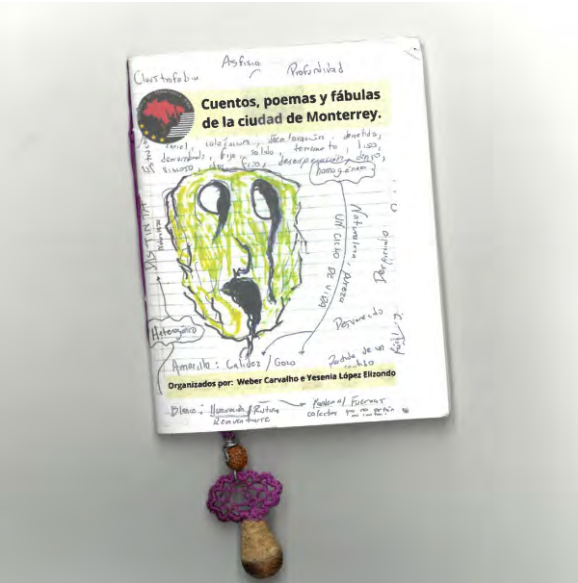
Querreque (Querreque)

Improvisación cómica musical veracruzana.
Huasteco: Cultura mexicana con presencia en todo el país, mayormente en la sierra potosina y en el estado de Veracruz.
Huasteco a castellano
Kiutol: Niño
Niuk'b: Violín
Xantorom xon'ti uk'nal y te te'nal y bis'nel ka'n an che'melom: llora, ríe y baila con la muerte.

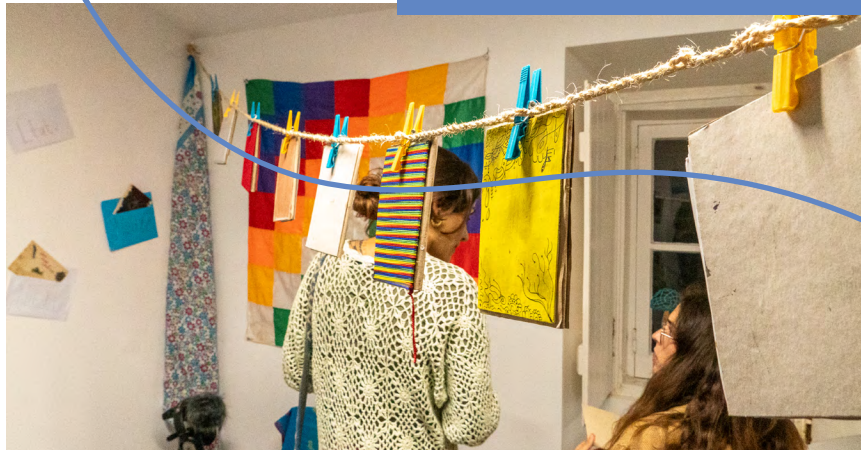
Romayro del Moral Cancela, Diego Cabrera, Narda Ambriz, Antonio Santiago Ramos, Omar Álvarez Weston y Yakelin Villanueva

Además

Las creaciones del taller quedaron recogidas en una publicación elaborada por el poeta Weber y los alumnos.



Santa Cruz



Del taller en Monterrey (México) se derivó siete meses después un encuentro con una delegación de la escuela en la casa del poeta en Santa Cruz (Portugal).



Escanéa el código QR y descubre la publicación.

Poema que se desgarrar en el cuerpo de una mujer

Stefhany Rojas Wagner (Colombia)

Poema que se desgarrar en el cuerpo de una mujer

...una plaga que cada hora cobra la vida
de diez mujeres en el mundo.

AGENCE FRANCE PRESSE, 23/11/2019

Caminé descalza por las piedras,
ya no podía arrepentirme de nada,
sólo perdonarme por ser débil,
por callar, otra vez, otro día.

Levantar uno dos tres cadáveres,
ir a la casita azul de mi memoria
y enterrarlos con las uñas, con las tripas,
sedienta una vez más.

Volver como si estuviera aprendiendo
a contar con los dedos,
sin entender qué pasaba,
por qué tantos cuerpos de mujeres
como el mío bajo mis pies,
por qué tanta rabia
hincando las piernas en la tierra.

Agotado el espacio de mi alma,

de mis manos, pierdo la fuerza

para escarbar en el burbujeo

que enferma al agua y al ciervo.

No hay lirios en mi interior;

sólo esta fatiga de la carne

tornasolada bajo las moscas.

La melodía del verdugo

arrastra nuestras palabras.

Aún sin comprender lloro

con más voces de las que tengo.

Las edades intactas en mi espíritu

marcan el tiempo de la ceniza.

Sin pasos sin nombre sin rostro

yo misma y cada una de ellas

Stefhany Rojas Wagner (Colombia)

Mirar mi mundo, interpretar lo otro (Taller con jóvenes de Portugal)



acudir a su sensibilidad para dar una mirada diferente en lo cotidiano y posibilitar la creación en colectivo.

El último taller se dio al público de la biblioteca. Todas las asistentes crearon una pieza visual a partir de palabras en el español que yo les facilitaba. Su apertura a la técnica collage y a la poesía latinoamericana dio paso a la creación de piezas visuales que representaron la interpretación de lo que sentían al momento de escucharme leerles en español dichos poemas.

El taller estaba pensado para dar una mirada a lo desconocido, ya sea el territorio ajeno, una cultura que sólo imaginamos o una voz que nunca pensamos llegar a conocer, para leer, interpretar y hacer parte de mi mundo sensible lo otro.

Desarrollé la propuesta en tres talleres diferentes: el primero fue leer poesía a un grupo de coro que se encontraba en la biblioteca. Los asistentes participaron con su sensibilidad desde cómo ellos sentían el poema mientras yo lo leía en español, y cómo lo interpretaban.

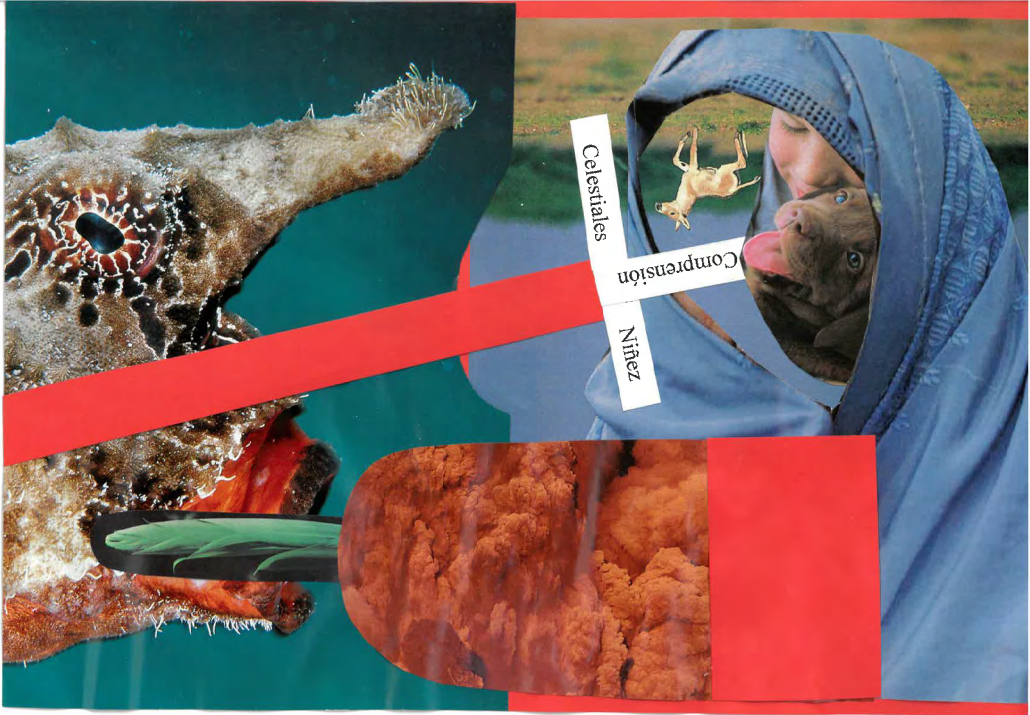
El segundo taller fue de collage poesía a los funcionarios de la biblioteca. Los asistentes pudieron crear en pareja una pieza visual donde exploraron diferentes conceptos y palabras que yo les brindé. Esto no sólo permitió una interacción artística y comunicacional entre ellos, sino que también pudieron

A partir de papeles de colores, recortes de periódicos, libros y de revistas, creamos un collage análogo donde cada participante generó una pieza visual a partir de la exploración tanto la identidad de uno de los poemas leídos, como aquellas cosas que la identifica y que la hace única, sus gustos, sus colores favoritos, las formas geométricas que habitan su mundo. Desde la lengua portuguesa y el castellano se logró entablar un puente entre los participantes de todos los inventos y mi persona que permitió generar un intercambio no solo de la lengua, sino también cultural y social de la diferencia

Mirar mi mundo, interpretar lo otro
Poeta en residencia: Stefhany Rojas (Colombia)
Biblioteca de Alcântara (Portugal)
Personal trabajador y personas asistentes a la biblioteca



Paula B.



Elisa Escarpa



Alma



Además



Concurso de poesía hablada en Alcântara (Portugal)



Creación de un collage análogo donde cada participante genera una pieza visual.

A palavra

Roberto Mendoza / Comikk MG (México)

A palavra

La palabra es algo así de bello como dicen en mi barrio,
con un acentó en donde no va el acento,
señalado, donde la palabra cabe,
donde caben las palabras que no caben,
por ejemplo para la academia conservadora.

La palabra es tan universal como popular e incomprensible,
como posible, como indeleble, y hable—sé, de lo imposible
y de apropiar el vocablo desde el sentido más oriundo de donde se obtuvo.

Como yo: Mi “Rancho la Palma”, ancho mi chacho de barrio,
donde ocho tipos andábamos en “bocho”,
este es mi cacho de tierra maltrecho,
satisfecho de lo vivido y hecho,
chocan los choros,
dialoga la chota,
chorizo mecate, mercado ambulante,
cholos de calle, tipos chocantes,
chocarrero sentimiento que nos engaña,
tanto tanteo de tantas situaciones salsificadas
en tacos de canasta hasta la última gota del verde,
arde la pansa y “masticanta”.

Taller y laboratorio de poesía spoken word, poetry slam y rap (Taller con jóvenes de Brasil)



Se realizaron talleres especializados para las infancias de la Escuela Carlos Silva en el Museo MAR y una sesión más para la UFRJ para jóvenes y profesores con amplio éxito en las sesiones

El taller del Museo de Arte (MAR) fue dirigido a la infancia. *Creamos poemas con diversas técnicas de escritura creativa pensado para la spoken word, el call and response, rimas, la corporalidad, los objetos y los sonidos nos acompañaron en el suceso.*

El taller en la universidad (URFJ) fue para jóvenes. *Creamos un fanzine con ejercicios de escritura creativa y realizamos un librocollage que se oralizó, usando los retruécanos, el calambur, call and response, haciendo una pieza visual que se puede compartir y recitar en formato spoken word.*

En ambos, la residencia involucró un encuentro con infancias, adolescentes y adultos para buscar la expansión de la poesía en sus diversas vertientes y al mismo tiempo en la muestra de una vía alterna a la literatura, las técnicas, la poesía en voz alta, el cuerpo como performer, contando con la herramienta de la voz y las practicas. Incluir a variados sectores de la población crea un énfasis en la parte de profesionalización en todos los niveles.

Taller y laboratorio de poesía spoken word, poetry slam y rap
Poeta en residencia: Roberto Mendoza / Comikk MG (México)
Museu de Arte do Rio y Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
Estudiantes de la Escuela Celestino Da Silva y de la escuela de letras de la UFJR

DEIXA
para lá o susto
DEIXA
para lá o surto
e quando eu olho para você
abro a porta e penso
DEIXA

Además

Ele olhou a pintura,
que ela pendurou na parede.
Repetidas vezes olhava aquela imagem com efeitos
diferentes.
O momento sentia que era um precedente do fim,
a imagem decadente.



Museo MAR



Mi piel frontera

Rubén Alfonso González Ángel
(Colombia)

Mi piel frontera

MI PIEL
FRONTERA

Mi voz	frontera
Mi deseo	frontera
Mi herida	frontera
Mi miedo	frontera
Mi historia	frontera
Mi hambre	frontera
Mi olor	frontera
Mi sangre	frontera
Mi muerto	frontera
Mi silencio	frontera
Mi fe	frontera
Mi cuerpo	frontera
Mi sueño	frontera
Mi sombra	frontera
Mi casa	frontera
Mi campo	frontera
Mi semilla	frontera
Mi fosa	frontera

Mi palabra de espuma que se arrastra em la arena, que se arrastra en la oscuridad, como um gusano migrante del sol. Mi rostro com piel sobre outra piel que es um velo, el velo de cada día. Nuestro velo ¿Quién lo tendrá hoy? ¿Cómo rasgo lo que creo ser? Este es mi nombre? ¿Este es mi cuerpo? Este es el amor que cosecha multitudes em cada cuerpo silenciado por amar.

Yo

Tú

Dos trozos de hielo que flotan en el océano.

¿Yo? ¿Tú?

La frontera que nos separa
la frontera que nos divide,
es solo
un momento de frío

Rubén Alfonso González Ángel (Colombia)

La línea invisible

(Taller con jóvenes de Brasil)



En los talleres de poesía realizados, exploramos el concepto de **fronteras** a través de la escritura poética y el arte experimental, buscando en los intersticios de lo fronterizo la potencia y manifestación de lo diverso. Los talleres se enmarcaron en tres conceptos principales: “Migración de los Sentidos”, “Fronteras Maleables” y “La Curva que Une. Estos conceptos se desplegaron en la adaptación orgánica a los entornos y los públicos diversos que participaron.

En el Museo de Arte do Rio, nuestro taller inaugural se convirtió en una bienvenida co-creada donde la palabra poética se transformó en mapa, territorio, cuerpo, improvisación y movimiento. Aquí, compartimos nuestras propias creaciones poéticas, marcando el inicio de un viaje de descubrimiento a través de la palabra.

En el Colegio Celestino da Silva, la exploración se profundizó. Nos sumergimos en el cuerpo, sus movimientos, el sonido de las vocales y la migración de la palabra a otros soportes como el cuerpo mismo. Esta sesión resonó poderosamente con la exposición “FUNK: Un grito de audacia y libertad”, vinculando la palabra escrita en el cuerpo con expresiones culturales más amplias.

En la Universidad Federal do Rio de Janeiro, con estudiantes de la Escuela de Letras, nos adentramos en la creación poética a partir de la indagación sobre las fronteras. Experimentamos con la palabra iluminada por luz negra, migrando los sentidos para que las palabras “ilegales” atravesaran las fronteras de nuestra lengua y manos. Nos convertimos en semillas, nos abrimos y danzamos como energías anteriores a nuestras historias. Nos miramos, nos encontramos y dibujamos nuestros rostros con palabras. Utilizando la fotografía digital, yuxtapusimos nuestra identidad con el territorio, descubriendo fuentes ocultas de la palabra. A pesar de ser una sola sesión, los resultados fueron estimulantes y fructíferos, llevando a

la creación de un boceto de fanzine titulado “Entrenos-otros” con una de las participantes.

Más allá de las sesiones planificadas, realizamos un Slam en la favela Asa Branca Jacarepaguá, donde niños y niñas de la favela se convirtieron en nuestro público y jurado, llevando la exploración poética al corazón de la comunidad.

En cada lugar, el concepto de frontera adquirió nuevos significados. En el museo, las fronteras eran físicas y metafóricas, separando y uniendo espacios e ideas. En la escuela, las fronteras se volvieron piel, el borde donde la palabra y el cuerpo se encuentran. En la universidad, las fronteras eran lingüísticas y sensoriales, desafiándonos a ver y sentir más allá de lo establecido. En la favela, las fronteras eran sociales y comunitarias, donde la poesía se convirtió en un puente para voces a menudo no escuchadas.

A través de estos talleres, descubrimos que las fronteras no son líneas fijas, sino espacios vivos donde la diversidad danza en lo invisible. La poesía, como una línea curva, conectó extremos y transformó límites en posibilidades. La adaptación orgánica de nuestras sesiones a cada entorno reveló que el verdadero poder de las fronteras reside en su capacidad de ser reconfiguradas, cuestionadas y trascendidas a través de la creación colectiva y las experiencias compartidas.

La línea invisible
Poeta en residencia: Rubén Alfonso González
Ángel (Colombia)
Museu de Arte do Rio y Universidade Federal
do Rio de Janeiro (Brasil)
Estudiantes de la Escuela Celestino Da Silva y
de la escuela de letras de la UFJR



ouvi dizer que
se conhece alguém
de verdade
quando se dá poder
a essa pessoa

talvez por isso nós
desempoderades
sejamos sinônimos de
desconhecides

mas quem irrompe solo
nasce flor
não acredita neste poder objeto
abjeto
que se passa de mão em mão

não

acredito sim no poder
de hellen keller
nesse poder cupido
de olhos vendados
de flechas de amor
de contato

'de amor em amor a
galinha enche o papo'
diz o ditado que minha avó
que era boa em ditados
ensinou

e quando você me tocou
tive a impressão
você era casa
muro parede porta
uma janela fechada
que guardava vida dentro
que acolhia vida dentro
e virgíniawolficamente
era um teto todo seu

estava enganada
havia mais de um fogão aceso
havia mais de uma panela cheia
havia lenha e muito fogo
pra alimentar cidades

não era casa era
vila
velha
vida velha e recente
que se precisar tocar
a campanha do encontro
para se abrir
nascente

@Orquídea_fernanda



La huella, la marca, la herida, la boca abierta de la vida, su voz de silencio
La voz resaca la palabra que ha muerto en la mentira
las voces desplazadas, convertidas en sombras se elevan como hojas que imitan la luz

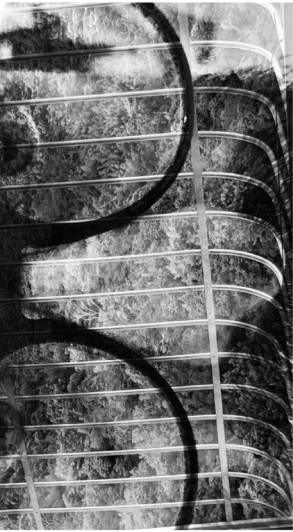
@ruben_gonzalez_angel

VER

como retomar uma experiência?
isso por si só já seria outra
a diferença entre experiência e
experimento está na sua
reprodutibilidade

COM OUTROS

treinei três vezes
para
escrever essa
palavra
imagina se fosse
falar
há muitos
desencontros na
vida
disse o grande
poetinha



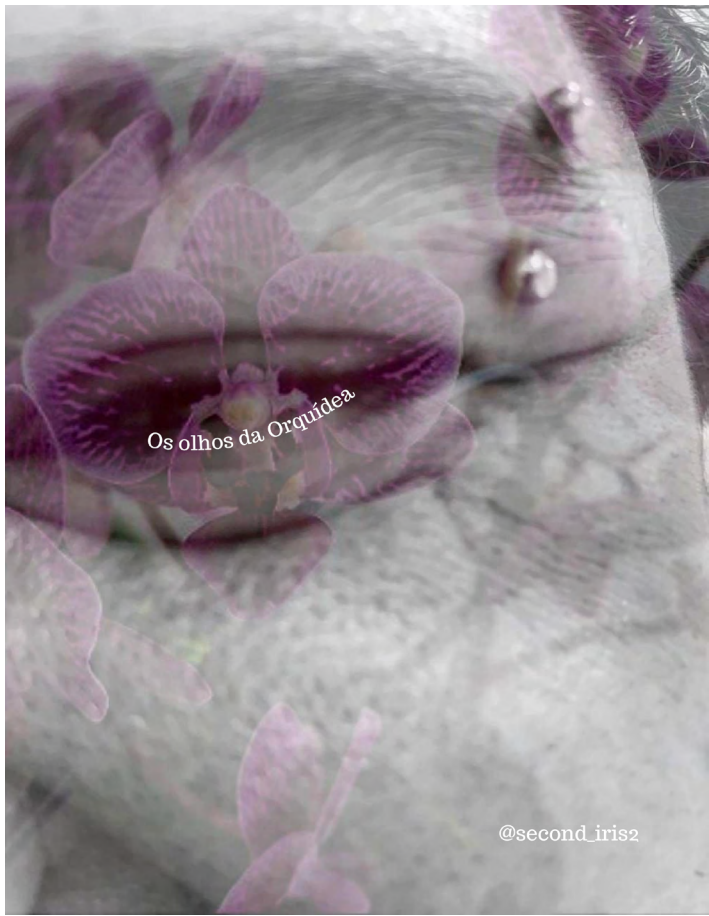
encontros deve
haver menos
mas é disso que se
trata
parafraseando
outro alguém
que não se sabe
bem quem
digo que os olhos
são a janela
dos olhos ou a
moldura pelo
menos
delimitam o que
vemos

OLHOS

ainda que não nos limitem
uma vez que ampliam a nossa visão
ver com outros olhos também é um
instrumento de ampliação
além de ser uma expressão
idiomática e paraidiossincrática
se é que existe essa tal coisa

OLHOS

Arthuro



a fronteira do corpo - o outro -

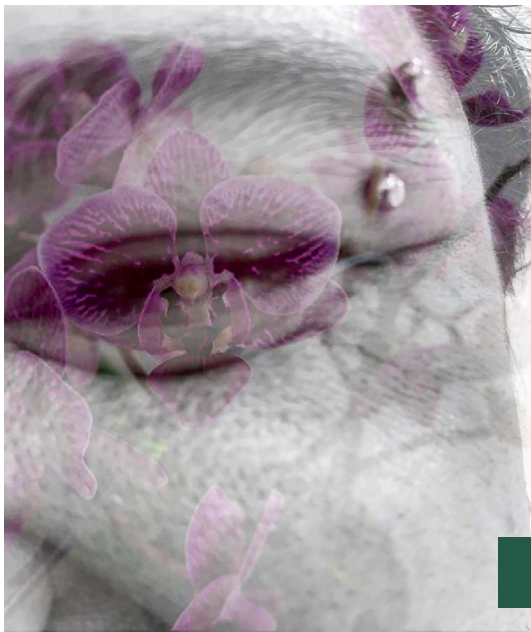
@isabellepgs



emaranhada de galhos e
flores com olhos sorrindo

@isabellepgs

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)



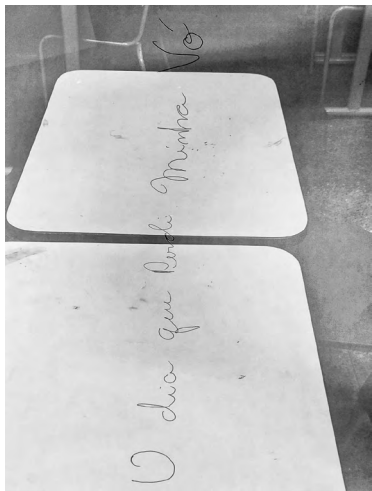
Universidad Federal de Rio de Janeiro

Además

Las creaciones del taller con los estudiantes de la Escuela de Letras de la Universidad Federal de Río de Janeiro quedaron recogidas en una publicación elaborada por el poeta Rubén y los alumnos.



Museu Arte de Río



Slam Asa Branca



Escanéa el código QR y descubre la publicación.

Galería Galeria

Los talleres en residencia permitieron explorar a los poetas y participantes distintas formas de expresión poética y artística, que adoptaron una rica variedad de formatos: textos, caligramas, slam, poesía visual, audio, performance...

En esta galería se recoge una muestra parcial de lo que sucedió en los talleres, que da cuenta de la riqueza de esta convivencia creativa y de construcción colectiva.



Escanée el código QR y
descubre la publicación.

Poetas em residência

Poetas en residencia



Juliana Maffeis
(Brasil)

Professora, artista, escritora e pesquisadora. Licenciada em Letras (PUCRS), especialista em formação do leitor (UERGS), mestra e doutoranda em Escrita Criativa (PUCRS). Desde 2009, leciona língua portuguesa, literatura, artes e escrita poética em diversas instituições culturais, bibliotecas, ONGs, escolas e universidades. Pesquisa a relação entre imagem e poesia. Autora de *Quantas festas*, *Solitária companhia de teatro*, *O discurso amoroso de Ana Cristina Cesar* e diversos textos publicados em revistas e antologias.

Atualmente, é professora nos programas de pós-graduação da PUCRS e da Universidade NOVESTE, ministrando disciplinas de Escrita Poética e Prosa com Poesia. Também leciona Língua Portuguesa e Artes na Escola Estadual Imperatriz Leopoldina.



Renan Sidney da Silva Costa
(Brasil)

Especialização em Ensino de Artes Visuais (Universidade Federal de Goiás). Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo (Universidade Federal do Ce). Renan Sidney atualmente trabalha com arquitetura e paisagem, desenvolvendo em paralelo atividades artísticas voltadas para a criação de poéticas visuais e escritas, por meio da fotografia, da ilustração digital e da criação de poesias e contos. Está também a especializar-se no ensino das artes visuais. Tem várias centenas de poemas em cadernos, elaborados ao longo da última década, e tem feito a curadoria deste material para o desenvolvimento de projectos editoriais e divulgação nas redes sociais.



Comikk MG
(México)

Comikk MG es un artista de Spoken Word, Poetry Slam y rap, además de tallerista, conductor, investigador y productor. Su obra ha sido traducida a varios idiomas y cuenta con diversas publicaciones poéticas. Intervenciones en los libros *La poesía e il viaggio*, para el festival “Europa in versi” (2018), *Slam da Guilhermina Cinco Ponto Zero* (2019), *Nos corre da Poesia* (2021) y más.

Cuenta con un álbum de spoken word y rap, *Margen* (2022), y el libro de investigación *Poetry Slam, Las Palabras Intactas* (2023). Creador del Poetry Slam en México y colaborador en *spokenword.mx*, ha participado en festivales nacionales e internacionales con su obra, talleres y producciones.



Rubén Alfonso González Ángel
(Colombia)

Artista y escritor. Maestrando en Escrituras Creativas con énfasis en poesía en la Universidad Nacional de Colombia, donde también se graduó como Maestro en Artes Plásticas (2012). Su obra ha sido expuesta en espacios como la Fundación Liebre Lunar, la Galería Kral (Chile), el Museo de Arte Moderno de Bogotá (MAMBO) y el Museo de Arte de la Universidad Nacional.

Cuenta con experiencia en investigación, curaduría, museografía y gestión de proyectos artísticos y editoriales. Ha sido jurado en exposiciones como *Quiebre temporal* en la Galería Santa Fé y el Salón de artistas Quirarte. En el ámbito cultural y docente, ha trabajado en la Fundación Liebre Lunar, el MAMBO y BibloRed, donde ha desarrollado laboratorios de creación, cine foros, conferencias y exposiciones.



Stefhany Rojas Wagner
(Colombia)

Nacida en Bogotá en 1994, es profesional en Estudios Literarios (Universidad Autónoma de Colombia) y egresada del Preparatorio de Artes Plásticas y Visuales (ASAB, Universidad Distrital). Co-fundadora y directora de Abisinia Editorial y la revista Abisinia Review. Su primer libro, *Breve tratado de la melancolía*, ganó el VIII Premio Nacional de Poesía Obra Inédita (2020). Ha editado y curado diversas antologías y publicaciones.

Ganadora de la convocatoria de Pasantías en Bibliotecas Públicas (Ministerio de Cultura, 2019) con *Mi cuerpo como un río*, ha sido incluida en múltiples antologías y revistas. Ha participado en festivales de poesía en Venezuela, Argentina y Colombia. Actualmente vive en Buenos Aires, donde cursa la diplomatura en Artes del Libro y dicta talleres de escritura creativa.



Weber Carvalho
(Brasil)

Dramaturgo e compositor com bacharelado e licenciatura em Geografia e mestrado em Estudos Brasileiros no Instituto de Ciência Sociais da Universidade de Lisboa onde desenvolve a Etnografia Indígena da Serra do Voturuna.

Criador do Movimento de Dramaturgia Rural, coletivo que propõe o estudo do lugar por meio das histórias orais, criando um acervo de histórias orais em sua dramaturgia. O método é criado a partir do Teatro do Oprimido, e já foi apresentado na África, Ásia, Europa, América do Sul e do Norte, onde recolheu histórias orais criando um acervo de contos e fábulas universais.

As histórias orais são transformadas em livros artesanais que percorrem os circuitos de arte popular aproximando as memórias de seus detentores.

Colaboraciones

Colaborações

Esta publicación resulta del proyecto **Atelier Poético, residencias en movimiento** de la OEI, edición 2024-2025 realizada bajo el tema “Diversidad” / Esta publicação é resultado do projeto “Atelier Poético, residências em movimento” da OEI, edição 2024-2025 realizada sob o tema “Diversidade”.

Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura – OEI / Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura – OEI.

Secretario general / Secretário-geral: Mariano Jabonero.

Dirección General de Multilingüismo y Promoción de la Lengua Portuguesa y Española / Direção-Geral do Multilinguismo e Promoção das Línguas Portuguesa e Espanhola: Ana Paula Laborinho.

Coordinación / Coordenação: Rut Sánchez.

Apoyo técnico / Apoio técnico: Mariana Migliari, Tânia Diniz, Bárbara Rodrigues.

Curaduría / Curadoria: Inés Miret, Neturity.

Jurado / Júri: Constanza Mekis (Chile), José Castilho Marques Neto (Brasil), Maria Teresa do Carmo Soares Calçada (Portugal), Lauren Mendingueta (Colombia).

Instituciones involucradas / Instituições envolvidas: Neturity (España)

Agradecemos la colaboración de las oficinas de la OEI en Brasil, México y Portugal, y de la Secretaría General en Madrid / Agradecemos a colaboração das oficinas da OEI no Brasil, México, Portugal, e da Secretaria-Geral em Madrid.

Enlace con países de lengua portuguesa / Contacto com países de língua portuguesa: Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Poetas participantes / Poetas participantes: Juliana Maffeis (Brasil), Renan Sidney da Silva Costa (Brasil), Comikk MG (México), Rubén Alfonso González Ángel (Colombia), Stefahny Rojas Wagner (Colombia), Weber Carvalho (Brasil).

Entidades y centros educativos implicados / Entidades e centros educativos implicados: Biblioteca de Alcântara (Portugal), Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), Escola Municipal Celestino Silva (Brasil), Feria del libro de Monterrey (México), Hablar en Arte (España), La Parcería (España), Museo de Arte do Rio (Brasil), Residencia de Estudiantes CSIC (España), Slam Asa branca (Brasil), Universidad Complutense de Madrid (España), Universidad de Monterrey (México), Universidad Federal Rio de Janeiro (Brasil).

Agradecemos la colaboración y apoyo en los talleres a / Agradecemos a colaboração e apoio nas sessões: Antonio Ramos (México), Bethania Guerra (España), Eduardo Coelho (Brasil), Jesús Cano (España), Manu Broullón (España), Marlon Augusto (Brasil), Nara Campos (Brasil), Pamela Aguila (México), Patricia Marys (Brasil), Rosa Linares (España), Silvia Monroy (España), Viajante Lírico (Brasil).

OEI

Organización de Estados
Iberoamericanos
Organização de Estados
Ibero-americanos

C/ Bravo Murillo 38
28015 Madrid, España
Tel.: +34 91 594 43 82
Fax.: +34 91 594 32 86

www.oei.es

-  Organización de Estados Iberoamericanos
-  Páginaoei
-  @EspacioOEI
-  @Espacio_OEI
-  Organización de Estados Iberoamericanos